

PROPOSTA DE PAZ 2020

Por Dr. Daisaku Ikeda, presidente da Soka Gakkai Internacional

Rumo ao Futuro Compartilhado: construindo uma era de solidariedade humana

Enviada às Nações Unidas (ONU)
por ocasião do 45º aniversário da SGI, em 26 de janeiro de 2020



DAISAKU IKEDA nasceu em Tóquio, Japão, em 2 de janeiro de 1928.

Formado pela Escola Superior Fuji, na área de economia, é atualmente presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), uma das maiores organizações não governamentais (ONG) das Nações Unidas, com mais de 12 milhões de membros em 192 países e territórios.

Fundou várias instituições educacionais e culturais, como as Escolas Soka (da educação infantil ao ensino superior), a Associação de Concertos Min-On, o Instituto de Filosofia Oriental e o Museu de Arte Fuji de Tóquio.

Pacifista, filósofo, poeta laureado e escritor, com obras traduzidas para mais de 32 idiomas, é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 1993, ocupando a cadeira de nº 14.

Ikeda acredita que um movimento popular centralizado nas Nações Unidas é a chave para transformar o mundo, onde imperam a desunião e a hostilidade, num lugar de coexistência pacífica. Por isso, apresenta anualmente, no dia 26 de janeiro, aniversário de fundação da SGI, sua proposta de paz à Organização das Nações Unidas (ONU) e ao mundo.

A SGI é oficialmente registrada como ONG no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc), no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas (UNDPI) e na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Também integra a Federação Mundial das Associações das Nações Unidas (WFUNA).



Carta da Soka Gakkai Internacional

Preâmbulo

NÓS, organizações constituintes da Soka Gakkai Internacional (SGI), abraçamos o objetivo fundamental e a missão de contribuir para a paz, a cultura e a educação, com base na filosofia e nos ideais do Budismo de Nichiren Daishonin.

Reconhecemos que, em nenhuma outra época da história, a humanidade testemunhou tamanha justaposição de guerra e paz, discriminação e igualdade, pobreza e fartura, como no século 20. O desenvolvimento da tecnologia militar cada vez mais sofisticada e exemplificada pelas armas nucleares, criou uma situação em que a própria sobrevivência da espécie humana foi posta em risco. A realidade da violenta discriminação étnica e religiosa tem se apresentado num interminável ciclo de conflito. Se não bastasse, o egoísmo e a negligência do homem causaram, e continuam causando, problemas mundiais, como a degradação do meio ambiente. Também observamos que os abismos econômicos criados se intensificam entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento, com sérias repercussões para o futuro coletivo da humanidade.

Acreditamos que o Budismo de Nichiren Daishonin, filosofia humanística de infinito respeito pela dignidade da vida e de benevolência que abrange tudo, capacita os indivíduos a cultivar a sabedoria e a criatividade do espírito humano para vencer as dificuldades e as crises que a humanidade enfrenta. Tal capacitação faz surgir uma sociedade de coexistência próspera e pacífica.

Nós, organizações constituintes e membros da SGI, nos determinamos a hastear bem alto a bandeira da cidadania mundial, do espírito de tolerância e do respeito aos direitos humanos. Embasados no humanismo budista, no diálogo, nos esforços práticos e no firme compromisso com a não violência, dispomo-nos a desafiar as questões mun-

diais. Assim, adotamos esta Carta para ratificar os seguintes propósitos:

1. A SGI contribuirá para a paz, a educação e a cultura, visando à felicidade e ao bem-estar de toda a humanidade, inspirada no respeito budista à dignidade da vida.

2. A SGI, com base no ideal da cidadania mundial, salvaguardará os direitos humanos fundamentais e não discriminará nenhum indivíduo.

3. A SGI respeitará e protegerá a liberdade de crença e de expressão religiosa.

4. A SGI promoverá a ampla compreensão do Budismo de Nichiren Daishonin por meio de intercâmbios, contribuindo, dessa forma, para a concretização da felicidade individual.

5. A SGI, por intermédio das organizações constituintes, encorajará seus membros a contribuir para a prosperidade de suas respectivas sociedades, como bons cidadãos.

6. A SGI respeitará a independência e a autonomia de suas organizações constituintes, de acordo com as condições predominantes em cada país.

7. A SGI, com base no espírito budista de tolerância, respeitará outras religiões, promoverá diálogos e atuará, em parceria, para a solução de questões fundamentais da humanidade.

8. A SGI respeitará a diversidade cultural e realizará intercâmbios culturais para criar uma sociedade internacional de cooperação e de compreensão mútua.

9. A SGI visará, com base no ideal budista de simbiose, à proteção da natureza e do meio ambiente.

10. A SGI contribuirá para a promoção da educação, da busca da verdade e também do desenvolvimento da ciência para capacitar as pessoas a aprimorar o caráter e desfrutar uma vida plena e feliz.

RUMO AO
FUTURO COMPARTILHADO:

CONSTRUINDO UMA ERA DE SOLIDARIEDADE HUMANA

Dr. Daisaku Ikeda,
presidente da Soka Gakkai Internacional

Enviada à Organização das Nações Unidas (ONU)
por ocasião do 45º aniversário da SGI, em 26 de janeiro de 2020

Revisão: Cícero Sandroni

Tradução: Mariana Travieso Bassi

Colaboração: Edson Cruz

Na comemoração do nonagésimo aniversário de fundação da Soka Gakkai e do quadragésimo quinto aniversário do estabelecimento da Soka Gakkai Internacional (SGI), gostaria de oferecer algumas propostas para a construção de uma sociedade global sustentável, onde todos possam viver com dignidade e segurança.

Meu primeiro tema é a elevada tensão entre os Estados Unidos e a República Islâmica do Irã. Exorto com veemência a ambos os lados, por meio da adesão ao direito internacional e por intermédio dos meios diplomáticos, evitem o agravamento da situação. Espero sinceramente que, com a mediação das Nações Unidas e de outros países, se alcance um caminho para a regressão da escalada da tensão citada.

O mundo viveu no ano passado eventos climáticos extremos e destruidores. Ondas de calor recordes na Europa, na Índia e em outras partes do mundo. Supertornados e chuvas torrenciais provocaram inundações no planeta. Devastadores incêndios na Austrália continuam a causar enormes prejuízos.

Preocupações com o impacto crescente do aquecimento global levaram à realização, em setembro de 2019, da Cúpula de Ação Climática na ONU. Na ocasião, um terço dos Estados-membros — cerca de sessenta e cinco países — anunciou políticas focadas na redução da emissão de gases do efeito estufa ao zero líquido até 2050.¹ A expansão desses esforços em escala global é essencial. Hoje a mudança climática, além de problema ambiental, representa ameaça real para as gerações atuais e para as futuras. Trata-se de um desafio fundamental, assim como o porvir da humanidade depende do controle e da abolição das armas nucleares.

António Guterres, secretário-geral da ONU, afirmou que “a mudança climática é a questão definidora de nossa época”.² Os impactos dessa mudança ameaçam os esforços globais para

“As mudanças climáticas (...) têm o potencial de catalisar ondas de solidariedade e de ação globais nunca vistas antes. Nosso sucesso ou fracasso em realizar esse potencial é a questão definidora de nossa época”

eliminar a pobreza e a fome, conforme estabelecido pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Mas não podemos nos limitar a deter as espirais de declínio. As mudanças climáticas podem alcançar a todos e têm o potencial de catalisar ondas de solidariedade e de ação globais nunca vistas antes. Nosso sucesso ou fracasso em realizar esse potencial é a questão definidora de nossa época.

A Cúpula de Ação Climática foi marcada por ações lideradas por jovens a exigir medidas rápidas e ousadas para responder às mudanças climáticas por parte de municípios, de instituições de ensino superior e do setor privado.

O Acordo de Paris, compromisso da comunidade internacional para conter o aumento da temperatura média global em 1,5 grau Celsius acima dos níveis pré-industriais, tornou-se operacional neste mês [janeiro de 2020]. A missão da ONU, instituição que se aproxima dos 75 anos, é encorajar a criação de ciclos de *feedback* positivo com os quais esforços solidários enfrentem o desafio das mudanças climáticas e avancem na concretização dos ODS.

A seguir, examino temas necessários para levar à ação voltada para a solidariedade em três compromissos.



Crianças, mulheres e idosos são os mais vulneráveis diante da crescente preocupação global. Na foto, crianças sul-africanas distraem-se em balanço

Não deixar ninguém para trás

O primeiro compromisso deve ser nunca deixar para trás os que lutam para sobreviver em situações adversas. Em anos recentes, a dimensão dos danos causados por desastres naturais se expandiu, devido a eventos climáticos extremos. Tais impactos afetam tanto os países desenvolvidos como os em desenvolvimento. No ano passado, os tufões Faxai e Hagibis atingiram diversas regiões no Japão, sendo a causa de vendavais, chuvas intensas e inundações a deixar vastas regiões do país sem água e energia elétrica, destruindo o tecido da vida diária.

A ONU tem enfatizado com insistência uma questão de crescente preocupação global: esses impactos tendem a se concentrar e são mais sentidos por pessoas afligidas pela pobreza e por aquelas que se encontram em setores vulneráveis da sociedade, como mulheres, crianças e idosos. São indivíduos expostos a perigos e apre-

sentam grande dificuldade de reconstruir a vida. Depois do desastre, eles necessitam de apoio apropriado e contínuo.

Outro impacto trágico da mudança climática é o crescente número de pessoas forçadas a sair de sua casa. A crise dos povos das ilhas do Pacífico causa grande preocupação devido ao aumento dos níveis do oceano e inundações de suas terras. É grande a probabilidade de que o deslocamento desses povos seja permanente e eles nunca possam retornar à sua casa.

O Instituto Toda para a Paz Global e Pesquisa Política, que fundei com a esperança de abordar questões como essas, iniciou há dois anos um projeto de pesquisa sobre o efeito das mudanças climáticas nas comunidades das ilhas do Pacífico. Ressaltou-se, nessa pesquisa, a importante conexão dos habitantes dessas regiões com sua terra. A perda dela é equivalente à perda de sua identidade. Transferidos para outro local, conquistam segurança material, mas continuarão privados do

SEGURANÇA ONTOLÓGICA

O conceito de segurança ontológica foi proposto por Anthony Giddens em 1991. Ele se refere ao sentido individual de ordem, segurança e continuidade dentro de um ambiente de mudanças rápidas. Por exemplo, um evento que não é consistente com o sentido da vida de um indivíduo ameaça sua sensação de pertencimento e sua confiança na própria identidade. Nesse sentido, sociólogos e psiquiatras argumentam que a segurança ontológica é ameaçada por mudanças climáticas antropogênicas. No nível social, a migração de ambientes degradados por mudanças climáticas rompe a continuidade do vínculo entre as pessoas e sua terra, e compromete aspectos materiais, sociais e culturais de segurança.

que o relatório descreve como “segurança ontológica”, quando se vive na terra natal.³ O projeto conclui que a atenção a essa dor irreparável deve ser fundamental em qualquer esforço para enfrentar as mudanças climáticas.

As perdas da conexão com a terra e o luto decorrente têm ocorrido de forma relevante após os grandes desastres como terremotos e *tsunamis*. A dor, agravada pela perda repentina de amigos e de familiares, pode ser insuportável, e saber responder a esse nível de angústia é imperativo para a sociedade como um todo. Ressaltei esse ponto na proposta enviada no ano seguinte ao terremoto seguido de *tsunami* ocorrido em 11 de março de 2011 no Japão. A natureza insubstituível de um lugar



“Ressaltou-se, nessa pesquisa, a importante conexão dos habitantes dessas regiões com sua terra”



“Nas questões globais,
nosso foco deve ser
a ameaça à vida, à
subsistência e à dignidade
dos indivíduos”

marcado pelas lembranças de uma vida, um lar permeado com os sentidos e valores da vida cotidiana, é expressa nas palavras de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944): “Seria inútil plantar uma muda de árvore pela manhã na esperança de se abrigar nas sombras do carvalho pela tarde”.⁴

Na discussão sobre os impactos das mudanças climáticas, a tendência é concentrar-se na extensão da perda econômica ou em outros indicadores quantificáveis. Mas é importante prestar atenção ao sofrimento dos indivíduos, o qual pode ser obscurecido pelos índices macroeconômicos, quando neles nos concentramos ao nos unirmos em busca de soluções.

Aqui há uma semelhança estrutural com os atritos comerciais intensificados nos anos recentes. O termo “empobrecer o vizinho” se refere a políticas que buscam restaurar a saúde econômica de um país aumentando tarifas ou restringindo importações. No mundo globalizado e interdependente, há vezes em que ciclos de represália levam a efeitos imprevisíveis, descritos como “empobrecer a si próprio”.

Atritos comerciais têm impacto negativo na performance de pequenas e médias empresas, geram pressão por reestruturação e levam a demissões. Mesmo ao considerar importante melhorar os índices econômicos como a balança comercial, lembremo-nos de que a continuidade de condições que pioram a vida de quem já se encontra em situação vulnerável, dentro ou fora do país de origem, aumenta a instabilidade social ao redor do mundo.

Em seu discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas do ano passado, o secretário-geral Guterres apresentou esboços de pessoas que encontrou em visita a lugares que enfrentavam graves ameaças: famílias no Pacífico Sul, cuja vida está ameaçada pelos mares; jovens refugiados no Oriente Médio, que tinham esperança de voltar para sua casa e sua escola; sobreviventes

do vírus ebola na África, que lutam para reconstruir a vida. E alertou: “Muitas pessoas temem ser pisoteadas, impedidas, deixadas para trás”.⁵ Compartilho dessa preocupação. Nas questões globais, nosso foco deve ser a ameaça à vida, à subsistência e à dignidade dos indivíduos.

Tanto o clima como o comércio afetam de forma profunda a economia e a sociedade. Nesse sentido, acredito que a visão do presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi (1871-1944), estabelecida em seu trabalho *Jinsei Chirigaku* [Geografia da Vida Humana], de 1903, merece nossa atenção. Makiguchi comparou a natureza limitada no tempo do conflito militar com a natureza constante e duradoura nos tempos da competição econômica. A primeira, disse ele, acontece subitamente e produz um terrível sofrimento do qual estamos conscientes, enquanto a última ocorre gradualmente e sem drama, de forma a não chamar a atenção.

Makiguchi buscou ressaltar que, por conta da crueldade da guerra ser bem visível, as pessoas têm consciência clara dela e criam oportunidades para evitar um mal maior por meio de negociações ou mediações. Não é o caso da competição econômica, conduzida de forma contínua e em parte inconsciente, cujos efeitos são vistos como determinados por meio de um processo de “seleção natural”. Dessa forma, eles desaparecem no cenário da vida social, tornando-nos suscetíveis a ignorar as condições desumanas e o sofrimento que resultam deles.

Na época de Makiguchi, o mundo era assolado pelas forças do imperialismo e do colonialismo, e se considerava natural buscar prosperidade à custa de outras sociedades. Essa visão do mundo implicava aceitar que certos setores ou grupos seriam sacrificados e que a privação deles não nos afetaria. Ideia essa construída nas profundezas da sociedade como uma camada de sedimentos ou de lodo.

Dessa forma, a competição econômica da “sobrevivência do mais forte” tende a acelerar sem trégua a previsão de Makiguchi de que “em última instância, o sofrimento que ela causa é muito mais devastador (que o da guerra)”.⁶ No século 21, quando globalização e integração econômica avançaram muito além do tempo de Makiguchi, tais riscos são maiores que nunca.

Makiguchi jamais negou o valor da competição no funcionamento da sociedade, considerando que o empenho mútuo pela excelência é fonte de energia enriquecedora e de criatividade. Mas ele considerava problemática a tendência de ver o mundo exclusivamente como um local de competição pela sobrevivência, ao alicerçarmos nosso comportamento no pressuposto de que nossa vida é independente de todas as demais e na contínua negação dos efeitos de tal comportamento. A base do pensamento de Makiguchi era a consciência de que este mundo é, acima de tudo, um local de vidas compartilhadas.

Na introdução de *Geografia da Vida Humana*, Makiguchi descreve a percepção concreta que constitui o cerne de sua visão de mundo. Quando sua esposa se encontrava incapaz de produzir leite para o bebê recém-nascido, o médico recomendou um leite em pó fabricado na Suíça, depois de comprovar que um produto doméstico japonês foi considerado inadequado. Makiguchi expressa sua gratidão pelos vaqueiros que trabalhavam no sopé das montanhas do Jura. Também sobre o algodão do qual as roupas do filho foram confeccionadas, ele imaginou pessoas na Índia trabalhando no calor abrasador para produzi-lo.⁷ Dessa maneira, ele descreve como, desde o momento do nascimento, uma criança está conectada ao mundo todo. Sua gratidão às pessoas que ela nunca conheceu está cristalizada na expressão “vida compartilhada”, que descreve o mundo não como deveria ser idealmente, mas como ele é, independentemente do quanto tendemos a ignorar esse fato.



Secretário-geral da ONU, António Guterres, conversa com crianças no centro de reassentamento para refugiados (Nova Zelândia, maio 2019)

O mundo é constituído da sobreposição e do entrelaçamento de atividades de incontáveis pessoas e seus vetores de influência mútua. Quando a competição é conduzida esquecendo-se essa realidade, perdemos de vista a existência daqueles que sofrem graves ameaças e contradições sociais. Portanto, é vital, agora e para o futuro da sociedade humana, atuar de forma consciente na vida compartilhada. E mais: trabalhar em prol de uma sociedade que se baseie na abordagem de “esforçar-se para proteger não só a própria vida, mas também a vida dos outros”.⁸ Esse é o coração da declaração de Makiguchi.

Voltando ao presente, não considero incompatíveis o crescimento econômico e os esforços para prevenir o aquecimento global. Por exemplo, durante um período de três anos a partir de 2014, a economia global se expandiu a uma taxa anual de mais de 3%,⁹ enquanto as emissões de dióxido de carbono (CO₂), o principal gás de efeito estufa, permaneceram estáveis.¹⁰ As emissões

cresceram a partir de então, mas acredito que, ao fazermos uma escolha corajosa de “esforçar-se para proteger não só a própria vida, mas também a vida dos outros”, por meio de medidas como a introdução de fontes renováveis de energia e melhorias na eficiência energética, devemos ser capazes de desenvolver novos modelos de vida econômica e social.

A base para a busca consciente da vida compartilhada é a consideração de que pessoas que vivem sob a sombra de severas ameaças não são diferentes de nós. Isso é ressaltado no trabalho dos professores Abhijit V. Banerjee e Esther Duflo, do Instituto Massachusetts de Tecnologia (MIT), que em sua análise sobre a relação entre pobreza e competição econômica consideraram os fenômenos econômicos e sociais não da perspectiva macroeconômica, mas de pesquisas empíricas feitas sobre as condições reais nas quais as pessoas vivem de fato. O trabalho deles foi reconhecido com o Prêmio Nobel de Economia em



Anwarul K. Chowdhury, ex-presidente do Conselho de Segurança da ONU, ao lado do presidente Ikeda durante visita à Universidade Soka (Japão, mar. 2003)

2019, partilhado com o professor Michael Kremer da Universidade Harvard.

Em seu livro recente, intitulado *A Economia dos Pobres: Repensar de Modo Radical a Luta Contra a Pobreza Global*, eles escreveram que os mais pobres não são diferentes de ninguém, nem menos racionais, por exemplo.¹¹ Pessoas que vivem em países ricos são os beneficiários do acesso à água potável, à assistência médica e a outras formas despercebidas de apoio “tão profundamente integradas no sistema que mal as notamos”.¹² Eles ressaltam que “os pobres não só levam vidas mais arriscadas que os menos pobres, mas também que se levassem um tombo da mesma magnitude, provavelmente, os pobres se machucariam mais”.¹³ Banerjee e Duflo nos incentivam a não fazer julgamentos estereotipados, ressaltando a necessidade de avaliar as condições reais nas quais as pessoas vivem.

Esforçar-se para compreender as circunstâncias nas quais as pessoas se encontram, em

vez de vê-las por meio das lentes de categorias sociais ou de classe, também tem importância central nos ensinamentos do budismo que os membros da SGI promovem. Consta que Shakyamuni observou:

Ao contrário dos diferentes atributos dos seres vivos que tomaram forma corporal, não há tais distinções entre os seres humanos. As distinções entre os humanos são apenas as de nomenclatura.¹⁴

A mensagem principal dessa passagem é que, enquanto categorias são criadas e nomeadas em meio à sociedade, em termos de humanidade não há distinções entre as pessoas.

Sem se importar com posições sociais ou status, Shakyamuni ofereceu tratamento aos doentes, estendendo-lhes palavras de incentivo — do aprendiz de monge gravemente enfermo que ele encontrou ao rei Ajatashatru, que já havia tentado matá-lo. Esses dois, porém, tinham algo em

“Nas ações de Shakyamuni — a recusa em deixar que qualquer pessoa ficasse isolada ou sozinha na batalha contra graves dificuldades”

comum. Assim como o monge fora abandonado por seus companheiros e amargaria a doença em isolamento, a severa enfermidade do rei Ajatashatru fez com que os demais se afastassem dele. Shakyamuni lavou o monge doente e trocou suas roupas. E mesmo quando já sentia a eminência da própria morte, Shakyamuni dedicou tempo para se encontrar com o rei Ajatashatru e compartilhar os ensinamentos sobre o Dharma com ele, encorajando-o a se recuperar do mal que o acometia.

Nas ações de Shakyamuni — a recusa em deixar que qualquer pessoa ficasse isolada ou sozinha na batalha contra graves dificuldades —, podemos discernir a origem do espírito da compaixão budista. Da perspectiva do budismo, a capacidade das pessoas não é predeterminada; ainda assim, há forte tendência social em definir uma análise aleatória de suas habilidades e considerá-las segundo essa forma.

Mesmo quando alguém se encontra vulnerável, se estiver rodeado de pessoas preparadas para compartilhar desse desafio, é possível descobrir um caminho à frente. A forma pela qual passamos por condições tais como pobreza e doença podem ser mudadas de maneira radical simplesmente pela percepção de que temos apoio de outras pessoas. Esse é um princípio da filosofia budista. A abordagem de vida que Makiguchi reivindicou — um compromisso consciente com a vida compartilhada — tem sua base na determinação de nunca deixar para trás aqueles que enfrentam dificuldades.

REI AJATASHATRU

O rei Ajatashatru (“com inimigo ainda não nascido” ou “sem inimigos”, em tradução literal) foi o filho e sucessor do rei Bimbisara do Estado de Magadha ao noroeste da Índia. Quando era príncipe, Ajatashatru se tornou devoto do monge Devadatta, que era primo e rival do buda Shakyamuni (Siddhartha Gautama). Ajatashatru foi persuadido por Devadatta a assassinar seu pai, que era um discípulo próximo e patrono do Buda, e usurpar o trono. Ajatashatru também ajudou Devadatta em vários atentados contra a vida do Buda. Mais tarde, arrependido de seus maus atos, Ajatashatru buscou o perdão do Buda, converteu-se ao budismo e deu suporte ao Primeiro Concílio Budista que compilou os ensinamentos de Shakyamuni depois de sua morte.

Um dos focos do meu diálogo com o subsecretário-geral da ONU, Anwarul K. Chowdhury, em 2008, época em que a crise financeira abalava o mundo, foi a importância de dar máxima prioridade ao apoio a países enfrentando terríveis situações econômicas e a indivíduos socialmente vulneráveis. O embaixador Chowdhury enfatizou a necessidade de uma rede de segurança global para atenuar choques externos, como o impacto de mudanças climáticas, as flutuações dramáticas nos preços e a contenção extrema de gastos.¹⁵ Compartilho dessa visão. Também concordamos que uma função-chave da ONU no século 21 seria apoiar segmentos vulneráveis da sociedade.



Josei Toda, segundo presidente da Soka Gakkai, no dia da Declaração pela Abolição das Armas Nucleares (Kanagawa, Japão, set. 1957)

O embaixador Chowdhury foi indicado Primeiro Alto Representante do Escritório das Nações Unidas para os Países Menos Desenvolvidos, Países em Desenvolvimento sem Litoral e Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (UN-OHRLS, em inglês), fundado em 2001. Tal nomeação lhe rendeu a oportunidade de trabalhar com países e pessoas deixados para trás pela sociedade internacional. Lembro-me de ficar comovido com sua declaração de grande alegria ao ver melhorias significativas nas condições de países mais vulneráveis.¹⁶

Esse sentimento está em sintonia com o meu. Em seus primeiros anos, a Soka Gakkai era mencionada de forma depreciativa como organização de pobres e doentes. Por meio do encorajamento mútuo, essas pessoas comuns, descartadas pela sociedade, conseguiram se reerguer das profundezas da infelicidade, história da qual temos muito orgulho.

Josei Toda (1900-1958), em colaboração com o primeiro presidente Tsunesaburo Makiguchi, fundou a organização como movimento popular e

“A Soka Gakkai era mencionada (...) como organização de pobres e doentes. Por meio do encorajamento mútuo, essas pessoas comuns (...) conseguiram se reerguer das profundezas da infelicidade”

veio a ser seu segundo presidente. Ele expressou a convicção que embasava seus esforços contínuos diante das reações cínicas da seguinte forma: “Farei o que tiver de fazer, que é salvar pessoas pobres e doentes, os necessitados e os que sofrem. É por isso que ergo minha voz”.¹⁷

O desejo mais ardente de Josei Toda era eliminar a miséria da face da terra; anseio que nasceu de

ECONOMIA CIRCULAR

A economia circular é um modelo econômico que busca manter os recursos em uso o maior tempo possível, extraindo seu máximo valor enquanto estão em uso, e recuperar e regenerar os produtos e materiais no fim de sua vida útil. O sistema circular emprega reutilização, compartilhamento, reparo, restauração, remanufatura e reciclagem, nos quais todos os “resíduos” são absorvidos em outro processo. Essa abordagem regenerativa contrasta com a economia linear tradicional que tem um modelo de produção de “pegar, utilizar e descartar”.

sua determinação de evitar que o sofrimento vivido pelas pessoas de tantos países durante a Segunda Guerra Mundial se repetisse. Isso reforçou nele forte expectativa pelas Nações Unidas, fundada no contexto e em resposta aos dois conflitos globais do século 20. Ele nos solicitou que protegêssemos e ajudássemos a desenvolver a ONU como uma fortaleza de esperança no mundo.

Quando me tornei terceiro presidente da Soka Gakkai, há sessenta anos, iniciei minhas ações concretas pela paz mundial viajando aos Estados Unidos, onde visitei a sede das Nações Unidas em Nova York. Assim estava agindo como herdeiro da visão do meu mestre. A partir de então, o apoio à ONU tornou-se o pilar central do nosso engajamento social, fortalecendo nossas relações colaborativas com indivíduos de mesma visão e organizações civis, enquanto continuamos a desenvolver iniciativas para encontrar soluções para os desafios globais.

Logo depois da minha visita a Nova York, em 1960, a *Nona Sinfonia*, de Beethoven, foi apresentada na sede da ONU como parte das celebrações do Dia da ONU (24 de outubro). O concerto foi realizado por sugestão do secretário-geral da época, Dag Hammarskjöld (1905–1961). Até então, apenas a parte final da *Nona Sinfonia*, o quarto movimento com o comovente coro *Ode à Alegria*, era executado, mas no aniversário de quinze anos de fundação da ONU, a obra foi apresentada na íntegra.

Hammarskjöld disse ao público:

Quando a *Nona Sinfonia* se inicia, entramos em um drama repleto de conflito extremo e de ameaças sombrias. Mas o compositor nos leva adiante e, no começo do último movimento, nós ouvimos novamente os vários temas, agora como uma ponte em direção à síntese final.¹⁸

Ao comparar o andamento da *Nona Sinfonia* com a história humana, Hammarskjöld expressou sua esperança de “nunca perder a fé em que os primeiros movimentos um dia serão seguidos pelo quarto movimento”.¹⁹

A convicção de Hammarskjöld ressoa com a progressão de eras históricas apresentadas por Makiguchi em *Geografia da Vida Humana*. As formas de competição militar, política e econômica pelas quais pessoas e sociedades buscam sua própria segurança e prosperidade à custa de outros preocupavam muito Makiguchi no começo do século 20. Infelizmente essas ideias ainda fazem parte do nosso mundo.

Mas, assim como a sessão coral do quarto movimento da *Nona Sinfonia* começa com a frase *O Freunde, nicht diese Töne!* [Oh, amigo, esses tons não!], seremos capazes de criar novas abordagens para transformar formas enraizadas de competição. Makiguchi propôs que a essência dessa transformação deve surgir do que ele chamava

de “competição humanitária” ou “formas de competição humana”, nas quais um lado se beneficia ao mesmo tempo em que trabalha pelo bem dos outros. Ao gerar uma solidária ação global para confrontar o desafio das mudanças climáticas, podemos e devemos produzir esse tipo de mudança de paradigma, abrindo novos horizontes na história humana.

Acredito que o centro desse desafio é o compromisso de nunca abandonar aqueles em circunstâncias difíceis e alarmantes. Ao agirmos com base nesse compromisso, onde quer que estejamos, podemos transformar a crise sem precedentes das mudanças climáticas em oportunidade de redirecionar o curso da história.

O desafio da construção

O segundo compromisso que eu gostaria de discutir se relaciona com a importância da ação conjunta e construtiva em vez de somente veicular um sentido compartilhado de crise.

Os primeiros alertas sobre o aquecimento global causado pelo homem foram emitidos em 1980 e a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) foi adotada em maio de 1992, pouco antes da realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (a Cúpula da Terra) no Rio de Janeiro. O Protocolo de Kyoto foi adotado em 1997 com o objetivo de reduzir as emissões de gases de efeito estufa por economias desenvolvidas e, em dezembro de 2015, o Acordo de Paris foi adotado como a primeira estrutura global a incluir economias emergentes e em desenvolvimento.

O pano de fundo para o estabelecimento de um modelo de ação global foi a profunda percepção da crise surgida a partir de estudos científicos conduzidos pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). Isso ajudou a criar maior entendimento dos impactos do aque-

“Devemos ir além da percepção compartilhada de crise e propor uma visão clara em torno da qual seja possível nos unir em solidariedade e mobilizar o engajamento ativo de pessoas de todo o mundo”

cimento: eventos climáticos extremos levaram a ameaça para perto de grande número de pessoas, tornando-a realidade palpável.

Apesar de o Acordo de Paris ter se tornado operacional neste mês, sérios desafios planam sobre o seu futuro. Segundo um Relatório Especial do IPCC, se o aquecimento continuar, há perigo real do aumento na média da temperatura global exceder os 1,5 grau Celsius em 2030.²⁰ Manter o aquecimento global dentro desse limite é o objetivo do Acordo de Paris, e é crucial que todos os países acelerem seus esforços para atingi-lo. Para esse fim, devemos ir além da percepção compartilhada de crise e propor uma visão clara em torno da qual seja possível nos unir em solidariedade e mobilizar o engajamento ativo de pessoas de todo o mundo.

Se nos concentrarmos somente nas ameaças que enfrentamos, corremos o risco da indiferença dos que não se sentem diretamente impactados. Mesmo aqueles que reconhecem a gravidade da ameaça poderão se sentir impotentes e concluir que nada podem fazer para mudar a situação.

Isso me lembra de algo que a intelectual e pacifista Elise Boulding (1920–2010) compartilhou comigo. Nos anos 1960, enquanto participava de uma conferência sobre desarmamento, a Dra. Boulding perguntou aos especialistas par-



Representantes do Brasil participam de intercâmbio com membros da Soka Gakkai de Hokkaido (Japão, mar. 2018)

participantes como eles viam o funcionamento de um mundo totalmente sem armas. Para sua surpresa, eles responderam que não faziam ideia — seu trabalho era somente descrever como o desarmamento é possível.²¹ Com base nessas respostas, a Dra. Boulding percebeu que é preciso adotar visão clara e específica de uma sociedade pacífica, caso contrário será impossível unir as pessoas em prol da paz.

Acredito que essa é uma perspectiva muito importante. De sua parte, a SGI vem trabalhando para promover esforços amplos e multifacetados a fim de antever uma sociedade pacífica por meio da exposição *Tudo o Que Você Estima — Por um Mundo Livre das Armas Nucleares*, desenvolvida em colaboração com a Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares (Ican), que foi mostrada em noventa cidades ao redor do mundo desde 2012.

Precisamente porque a questão das armas nucleares está associada com imagens de destruição

em escala que ameaça a sobrevivência humana, há forte impulso entre as pessoas para desviar o olhar. Em contraste, os painéis de abertura da exibição convidam os espectadores a refletir sobre o que mais importa para eles. Ao encorajá-los a construir um mundo que preserve não só aquilo que estimam, mas o que outros consideram insubstituível, busca nutrir desejo comum pela realização de ações construtivas.

Por muitos anos, a ideia de um tratado de proibição das armas nucleares foi considerada impossível. No entanto, como a preocupação com as consequências humanitárias catastróficas de armas nucleares se intensificou, o esforço para proibir essas armas trouxe ao centro do debate a visão de um futuro melhor, e isso se tornou o fator essencial no ímpeto da solidariedade que levou à adoção do Tratado de Proibição das Armas Nucleares (TPAN) em 2017.

O TPAN vai além de ressaltar como as armas nucleares impõem um risco à segurança de toda a

humanidade. Como seu preâmbulo indica, no cerne do tratado está a percepção de como os esforços para fazer avançar o desarmamento nuclear estão indissociavelmente ligados e avançam no trabalho de criar um mundo que assegure os direitos humanos e defenda a igualdade de gênero, um mundo que proteja a saúde das gerações atuais e futuras, um mundo que priorize a integridade ecológica.

De forma semelhante, ao realizarmos esforços para combater a mudança climática, é crucial não só alcançarmos o objetivo numérico de limitar o aumento da temperatura média global, mas desenvolvermos uma visão compartilhada do mundo real que queremos por meio da solução da crise. E tomarmos medidas proativas coletivamente em direção à construção dessa realidade.

No desafio dessa construção, encontramos um terceiro caminho para evitar a indiferença egocêntrica a problemas que não nos afetam diretamente ou de uma paralisia pessimista em face dos problemas que parecem esmagadores. Para coincidir com a Cúpula da Terra de 1992, a SGI estabeleceu o Instituto Soka — Centro de Pesquisas e Projetos Ambientais do Amazonas (Cepeam) [hoje, Instituto Soka Amazônia] no Brasil que, a partir de então, tem realizado atividades para restaurar a floresta tropical e proteger sua ecologia única. E não é por acaso que nossas exposições originalmente organizadas em apoio à Década de Educação pelo Desenvolvimento Sustentável da ONU foram intituladas *Sementes da Mudança* e *Sementes da Esperança*. Esses títulos sintetizam a mensagem afirmativa que cada um de nós, a partir de onde estamos neste momento, temos o potencial de nos tornar arquitetos da mudança rumo à sociedade global sustentável, e que cada ação nesse sentido é uma semente da mudança, uma semente da esperança, que fará germinar flores de dignidade por todo o mundo.

A ênfase na abordagem construtiva diante das ameaças tem sua origem na filosofia budista. No

Sutra do Lótus, que materializa a essência dos ensinamentos de Shakyamuni, encontramos o princípio de que “o mundo *saha* é em si a Terra da Luz Tranquila”. *Saha* é uma palavra sânscrita que significa “suportar” ou “resistir”. O termo “mundo *saha*” expressa a percepção de Shakyamuni de que o mundo no qual vivemos é permeado por angústia e sofrimento. Mesmo se baseando nessa visão de mundo, Shakyamuni declarou: “Parti com vinte e nove anos em busca do bem”.²² Como isso mostra, ele não foi movido pelo pessimismo, mas pela busca sincera em descobrir como as pessoas poderiam evitar se afogar em sofrimentos e viver felizes.

O filósofo Karl Jaspers (1883-1969), autor de um estudo sobre a vida e o pensamento de Shakyamuni, compreendeu a essência de sua intenção ao afirmar: “O que o Buda ensina não é um sistema de conhecimento, mas um caminho de salvação”.²³

Se as pessoas visualizarem o mundo como um lugar cheio de sofrimento, correrão o grande risco de interagir com ele de forma equivocada. Elas podem, por exemplo, buscar apenas a liberdade individual do sofrimento, incapazes e resignadas diante da dura realidade da sociedade ou cair em formas passivas de vida, à espera de que outra pessoa solucione seus problemas. A verdadeira intenção de Shakyamuni não era dizer que o mundo *saha* é um local em que devemos suportar o sofrimento. Pelo contrário, foi para esclarecer que ele é o próprio cenário no qual podemos tornar realidade o mundo de nossas esperanças e sonhos (a Terra da Luz Tranquila). Esse princípio é ilustrado detalhadamente no capítulo “Torre de Tesouro” (11º) do Sutra do Lótus. Nele, uma enorme torre emitindo a luz da dignidade emerge no mundo *saha*, lugar onde um grande número de pessoas se reuniu para ouvir as pregações do Buda. Ela é então transformada na Terra da Luz Eternamente Tranquila diante dos olhos de todos.



Wangari Maathai, vencedora do Prêmio Nobel da Paz de 2004, durante o plantio na sede do Jardim Norte das Nações Unidas (Estados Unidos, maio 2005)

No Japão do século 13, o mestre budista Nichiren Daishonin (1222–1282) expôs o princípio de que “o mundo *saha* é em si a Terra da Luz Eternamente Tranquila” da seguinte forma: “Isso não significa que ela [a pessoa que segue o Sutra do Lótus] deixa seu local atual e vai para algum outro”.²⁴ Esse ideal pelo qual as pessoas anseiam não existe em outro lugar, longe do seu alcance. O coração do Sutra do Lótus se encontra nos grandes esforços para permitir que o local em que estamos agora brilhe como a Terra da Luz Eternamente Tranquila.

Os habitantes do Japão na época de Daishonin estavam mergulhados no que parecia ser uma série infundável de dificuldades. Além do conflito, eles sofriam com desastres naturais como terremotos e tornados, e também com epidemias. E mais, a sociedade estava assolada por ideologias escapistas que levavam as pessoas a permanecer em suas conchas egoístas e a virar as costas para a realidade, ao adotarem sistemas de pensamento que consideravam os

seres humanos como impotentes. Essas crenças alimentaram ainda mais um ciclo vicioso, roubando a vitalidade das pessoas.

Foi nesse contexto que Nichiren Daishonin expôs a cena do Sutra do Lótus no qual a Torre de Tesouro emerge e inicia o processo de transformação da terra. Ele destacou que a Torre de Tesouro vista pela assembleia constitui de fato os “corpos individuais”.²⁵ Assim ele nos ensina que despertar para a existência em cada um de nós da mesma luz brilhante e digna emitida pela Torre de Tesouro — capaz de iluminar o mundo cheio de sofrimentos — torna-se a fonte reveladora do nosso ilimitado potencial. Ele explica também a importância de criar, por meio de nossos próprios esforços, o mundo que desejamos, com cada pessoa se esforçando ainda mais para brilhar como a Torre de Tesouro, e iluminar a sociedade com esperança.

Em fevereiro de 2005, encontrei-me com a ativista ambiental Wangari Maathai (1940–2011). Falamos sobre o seu trabalho de esti-



Encontro do presidente da SGI, Daisaku Ikeda, com a futurista americana Hazel Henderson (Tóquio, Japão, out. 2000).

mular a esperança para a criação de um novo mundo a partir do entorno imediato de cada um. Refletindo sobre o Movimento do Cinturão Verde, que começou com o plantio de apenas sete mudas, a Dra. Maathai afirmou: “O futuro não existe no futuro. Pelo contrário, ele nasce somente por meio de nossas ações no presente, e se desejamos realizar algo no futuro, devemos agir com esse propósito agora”.

Lembro-me vividamente do sorriso radiante da Dra. Maathai, que iluminou seu rosto enquanto alunos da Universidade Soka davam as boas-vindas com performance inspiradora da música do Movimento do Cinturão Verde, cantada em idioma nativo, o kikuyu.

Esta é a nossa terra
É nossa missão
Plantar árvores aqui

Enquanto eu a observava murmurar a letra e mover-se no ritmo da música, testemunhei a ale-

gria que surge do engajamento no desafio da construção. Essa alegria, que emanava de todo o seu ser, foi a força motriz que permitiu a difusão do movimento de plantio de árvores na África a partir do Quênia.

Por acaso, encontrei a Dra. Maathai dois dias depois de o Protocolo de Kyoto, o primeiro modelo de trabalho voltado à redução de emissão de gases de efeito estufa, entrar em vigor. O movimento da Dra. Maathai no Quênia pode não ter sido notório como esse marco histórico. Ainda assim, com o passar do tempo, a esperança criada com suas ações cresceu e foi apoiada, transformando-se, em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), em campanha continuada após a sua morte. Com essa iniciativa, mais de 15 bilhões de árvores foram plantadas ao redor do mundo.²⁶ Durante a Cúpula de Ação Climática que ocorreu ano passado, todos os países, do Paquistão à Guatemala, se comprometeram a plantar mais de 11 bilhões de árvores.²⁷

“A experiência de sofrimento agudo as fez intensamente conscientes das teses que valorizavam, e do que o mundo não poderia perder”

As palavras da Dra. Maathai estão gravadas em minha mente até hoje: “Mesmo que pensemos que determinada ação individual seja muito pequena, imagine se ela for repetida milhões de vezes. Isso fará a diferença”.²⁸

Suas palavras dão a noção da grande alegria que advém do engajamento no desafio da construção.

A exposição *Sementes da Esperança* da SGI exibe esforços individuais, como os da Dra. Maathai, que iniciaram movimentos populares. Outra personalidade apresentada foi a futurista Dra. Hazel Henderson e seus esforços para combater a poluição do ar. O motivo da ação da Dra. Maathai foi ver as figueiras, consideradas sagradas pelo seu povo, cortadas em nome do desenvolvimento econômico. A Dra. Henderson percebeu a grave poluição do ar na cidade de Nova York, onde ela vivia na época, e viu sua filha voltar da escola com a pele coberta de fuligem.

Nos dois casos, a experiência de sofrimento agudo as fez intensamente conscientes das teses que valorizavam, e do que o mundo não poderia perder. E entraram em ação. A Dra. Maathai se dedicou a expandir seu movimento com base no compromisso de quebrar o ciclo de pobreza e fome, e estimular a paz com o plantio de árvores. De forma semelhante, a Dra. Henderson começou a trabalhar com indivíduos que tinham a mesma visão que ela, a partir do seu desejo de ver crianças respirarem ar puro novamente. Em ambos os

casos, elas transformaram a dor em energia para construir o mundo que desejavam.

Depois de apresentar tais histórias, a exposição *Sementes da Esperança* se encerra com um painel mostrando uma única árvore com incontáveis folhas se espalhando pelo espaço ao redor. Nesse momento, os espectadores são convidados a considerar os desafios que podem assumir, a partir do local em que estão, a fim de plantar sementes da esperança no mundo.

A iniciativa UN75, iniciada em janeiro de 2020, comemora o septuagésimo quinto aniversário da fundação da ONU e visa encorajar o diálogo e a ação sobre como construir um mundo melhor diante das muitas questões que enfrentamos. Ao criar várias oportunidades para a promoção do diálogo, a iniciativa priorizou aproximar-se daqueles cujas vozes são muitas vezes despercebidas ou ignoradas pela sociedade internacional, e assim “ouvir suas esperanças e seus medos” e “aprender com suas experiências”.²⁹ Por meio de tais diálogos, a ONU procura desenvolver visão global para o ano de 2045, seu centenário, e estimular ações colaborativas para tornar essa visão uma realidade concreta.

A mudança climática é considerada a pedra angular do diálogo na ONU. Dessa forma, é crucial analisar os medos e as preocupações das populações diretamente impactadas pela crise e usar suas histórias para gerar ações construtivas na criação de um mundo melhor. As perspectivas de grande número de pessoas, a partir das diretamente afetadas pelas mudanças climáticas, são elementos integrais da visão global do futuro que desejamos. A chave reside em juntar as peças e criar um mosaico fundamentado na experiência real de seres humanos.

Por meio dos esforços de colaboração ativa que surgirão desses diálogos e da expansão de visão com a qual as pessoas podem se conectar e compartilhar, estou seguro de que poderemos



Greta Thunberg (ao centro), ativista ambiental da Suécia, se une a jovens durante protesto em frente à sede da ONU (Estados Unidos, ago. 2019)

acelerar o impulso para combater o aquecimento global e solidificar as bases de uma sociedade global sustentável.

Ação pelo clima liderada pelos jovens

O terceiro compromisso refere-se aos esforços para transformar os próximos dez anos na década de ação dos jovens pelo clima e torná-la um elemento integrante da recém-lançada Década de Ação das Nações Unidas para concretizar os ODS até 2030.³⁰ A Cúpula da Juventude pelo Clima da ONU, realizada antes da Cúpula de Ação Climática em setembro último, será o emergir de uma nova Nações Unidas. Digo isso porque percebi nela as seguintes características:

1. Jovens de mais de 140 países e territórios participaram não como representantes de seus Estados, mas de sua geração.

2. As várias discussões na cúpula foram moderadas por jovens e não por funcionários da ONU.

3. Em vez do formato tradicional de palestras das reuniões da ONU, houve ênfase em promover discussões entre eles.

Acima de tudo, no entanto, estava o fato de que o secretário-geral Guterres atuou como “principal ouvinte”³¹ na sessão de abertura, atento durante toda a reunião às declarações dos jovens representantes.

Em 2006, enviei uma proposta sobre a reforma da ONU. Sugeri que a cada ano, na preparação

para a Assembleia Geral, seria bom realizar uma reunião de jovens de diversas partes do mundo para dar aos líderes mundiais a oportunidade de ouvir os pontos de vista das próximas gerações. Não posso deixar de considerar a Cúpula da Juventude pelo Clima um modelo inovador para tal prática.

Além disso, as manifestações pelo clima global geraram ondas de mobilização internacional em prol do tema. Apenas durante a semana da Cúpula de Ação Climática da ONU, mais de 7,6 milhões de pessoas em 185 países participaram de eventos pela ação urgente em combate ao aquecimento global.³² A origem do movimento pode ser encontrada nas ações da estudante sueca de ensino médio Greta Thunberg, ao iniciar uma greve escolar para exigir resposta mais firme à crise climática, no verão de 2018. Suas ações tiveram apoio imediato de jovens de todo o mundo e os movimentos cresceram com participantes de todas as idades.

Christiana Figueres desempenhou papel central na Conferência pelo Clima em Paris como secretária executiva da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima e agora lidera a Missão 2020, iniciativa voltada para assegurar a realização dos objetivos do Acordo de Paris. Suas palavras:

A indignação e a raiva que está nas ruas é totalmente justificada porque essas pessoas, os jovens em particular, entendem a ciência, entendem as implicações para sua vida e sabem que é possível resolvê-las.³³

Ela explicou que os jovens sabem que a mudança não é impossível, razão pela qual mostram indignação diante da lentidão dos esforços em prevenir o aquecimento global. E, indo além, se a indignação for aliada ao otimismo, podemos esperar que algo ainda mais poderoso surja.

“Quando a determinação dos jovens de transformar a realidade se une ao indomável otimismo, as possibilidades são ilimitadas. Os esforços dos jovens para combater as mudanças climáticas estão catalisando as atividades de muitos indivíduos e organizações ao redor do mundo”

A Sra. Figueres visitou a sede da Soka Gakkai em fevereiro do ano passado. No artigo com o qual contribuiu para o jornal *Seikyo Shimbun*, ela refletiu sobre a concretização do Acordo de Paris mesmo quando muitos pensavam o contrário. E escreveu: “Não há como ser vitorioso sem ser otimista”.³⁴ Sinto que, quando a determinação dos jovens de transformar a realidade se une ao indomável otimismo, as possibilidades são ilimitadas.

Os esforços dos jovens para combater as mudanças climáticas estão catalisando as atividades de muitos indivíduos e organizações ao redor do mundo. Um exemplo encontra-se nas redes de ensino superior nas quais mais de 16 mil instituições adotaram uma declaração de compromisso de enfrentar a crise trabalhando com estudantes. O plano de ação inclui: o compromisso de tornar suas emissões de carbono neutras; mobilizar mais recursos para a pesquisa sobre o clima; e fortalecer a educação ambiental e de sustentabilidade, no campus e por meio de programas junto às comunidades.³⁵

Outro exemplo é a mobilização de cidades e governos locais. O Pacto Global de Prefeitos pelo

“Mesmo as razões da justiça e da democracia exigem que as vozes da juventude sejam ouvidas”

Dr. Aurelio Peccei



Clima e a Energia tem mais de 10 mil membros de 138 países. Esses municípios estão todos engajados em realizar medidas para reduzir as emissões de CO₂.³⁶

“Jovens responsáveis pela transformação do clima estão gerando uma nova ‘consciência coletiva’”,³⁷ afirmou o estudante e ativista argentino Bruno Rodríguez durante a Cúpula da Juventude pelo Clima da ONU. De fato, a energia e o entusiasmo das gerações mais jovens promovem um ciclo de motivação positiva. Enquanto presencio as movimentações de uma nova era, lembro-me das palavras do Dr. Aurelio Peccei (1908-1984), cofundador do Clube de Roma, que escreveu em 1981: “Mesmo as razões da justiça e da democracia exigem que as vozes da juventude sejam ouvidas”.³⁸

O Clube de Roma é conhecido por ter alertado há mais de meio século sobre a natureza finita da Terra e de seus recursos, e assim deu origem ao conceito de sustentabilidade. Ao desempenhar papel central nesses esforços, o Dr. Peccei enfatizou a importância de dar às gerações mais jovens mais oportunidades para agir e exercitar sua imaginação e liderança. Encontrei-me com o Dr. Peccei em cinco ocasiões, a partir de 1975. Sua ênfase nesse ponto permanece viva até hoje. Ouvir as vozes dos jovens não é opção nem “a melhor” opção. É o único caminho lógico à frente, passo que não podemos pular, se estivermos genuinamente preocupados com o futuro do planeta. Essa era sua convicção inabalável.

Apesar de, enquanto empreendedor, o Dr. Peccei encarar seu trabalho na indústria como



recompensador e estimulante, ele decidiu encerrar esse capítulo da vida e criou o Clube de Roma ao aprofundar a seguinte percepção:

Além disso, percebi que ao concentrar os esforços em projetos ou programas individuais, enquanto o contexto mais amplo aos quais eles estão integrados — a condição global — se deteriora constantemente, eu correria o risco de tornar aquela ação um exercício fútil.³⁹

Fundado em 1968 com base nessa preocupação, o Clube de Roma teve dificuldade em obter resultados concretos em seus primeiros anos. Apesar dos melhores esforços em chamar a atenção para desafios existenciais relacionados à Terra, era como, em suas palavras, “se os problemas

globais que estávamos expondo fossem relacionados a outro planeta”. Mesmo aqueles que aplaudiam os esforços do clube o faziam “desde que isso não interferisse em sua esfera de interesses ou atividades diárias”.⁴⁰

O relatório do Clube de Roma, *Os Limites do Crescimento*, que ajudou a colocar tais questões em evidência, foi publicado quatro anos após a fundação do clube, em 1972. O relatório teve impacto maior — difundir a conscientização da natureza finita da Terra e de seus recursos naturais — e ainda assim muitos críticos depreciaram seu conteúdo julgando-o muito pessimista. Contudo, o Dr. Peccei permaneceu inabalável em sua crença de que o importante é “dar os primeiros e sinceros passos rapidamente na direção correta”.⁴¹ Ele nunca



Fundação da Soka Gakkai Internacional, na ilha de Guam, em 26 de janeiro de 1975. No evento, participaram 187 membros representantes de 51 países e territórios

abandonou sua fé no potencial ilimitado inerente a cada ser humano.

Meu primeiro encontro com o Dr. Peccei realizou-se em maio de 1975, alguns meses depois da fundação da SGI. Fui apresentado a ele pelo historiador Arnold J. Toynbee (1889-1975) quando o visitei em Londres em maio de 1975, um ano depois da publicação de *Os Limites do Crescimento*. Tínhamos acabado de concluir uma série de diálogos que duraram quarenta horas ao longo de dois anos, após a qual o professor Toynbee expressou sua esperança de que eu poderia continuar esse diálogo com alguns de seus amigos, e entre eles estava o Dr. Peccei.

Enquanto tratamos sobre a possibilidade de encontro durante a minha próxima visita à Europa, o Dr. Peccei soube que realizaríamos a Primeira Conferência pela Paz Mundial em Guam, e enviou votos de congratulações. Nessa conferência, em 26 de janeiro de 1975, durante a qual se instaurou a SGI, escrevi no livro de assinatu-

ras, na coluna do país de origem, "O mundo". Nesse ponto de partida da SGI, desejei assim estabelecer o espírito do presidente fundador, Tsunesaburo Makiguchi, e do segundo presidente, Josei Toda. De sua parte, Makiguchi defendia a visão do mundo como um lugar onde lutamos para coexistir uns com os outros na condição de cidadãos, não somente como membros de uma nação em particular. A decisão de Josei Toda era de que ninguém, apartado de sua nacionalidade, tivesse direitos e interesses desrespeitados, visão por ele denominada "nacionalismo global" (*chikyu minzokushugi*, em jap.).

Quatro meses depois, quando me encontrei com o Dr. Peccei, ele trazia um exemplar traduzido para o inglês do livro *Revolução Humana*, meu relato romanceado do início da história da Soka Gakkai, com seus presidentes fundadores, Makiguchi e Toda. O Dr. Peccei disse que sentia profunda identificação com nosso movimento pela "revolução humana", direcionado para a mudança

de um tempo pelos esforços de cada pessoa no sentido de realizar seu pleno potencial. Seu apoio foi grande fonte de incentivo para mim naquela época.

Em nossa coletânea de diálogos (publicados em português com o título *Antes que Seja Tarde Demais*), ele afirma: “Cada indivíduo é dotado de qualidades e de habilidades que estão dormentes, mas que podem ser despertadas e empregadas para reparar a deterioração da condição humana”.⁴²

Ao vermos hoje grande número de jovens que, de forma corajosa, confrontam a crise climática, identificamos a manifestação do poder da juventude na qual o Dr. Peccei depositara suas esperanças. Mas há que distinguir a poluição e o esgotamento de recursos naturais, preocupações durante o período da publicação de *Os Limites do Crescimento* cujas causas podem ser, em sua maioria, dissociadas entre si dos fatores que causam as mudanças climáticas hoje integrados com todas as áreas da nossa vida diária e da atividade econômica, o que agrava a dificuldade em encontrar soluções para a questão.

No parlamento europeu, em outubro do ano passado, a atual copresidente do Clube de Roma, Sandrine Dixson-Declève, citou, a partir do Plano Emergencial Planetário do Clube de Roma, dez ações urgentes e necessárias para a mudança rumo a uma economia circular, incluindo a transição para a energia com baixa emissão de carbono e a expansão do investimento em fontes de energia renováveis.⁴³

Precisamente porque é complexo e requer a abordagem multifacetada, o desafio da mudança climática apresenta ampla gama de oportunidades para os seres humanos expressarem seu ilimitado potencial. A amplitude da diversidade demonstrada na variedade de fóruns na Cúpula da Juventude pelo Clima, teve a participação de representantes da SGI. Eles contribuíram

“Precisamente porque é complexo e requer a abordagem multifacetada, o desafio da mudança climática apresenta ampla gama de oportunidades para os seres humanos expressarem seu ilimitado potencial”

com soluções inovadoras do ponto de vista da conservação ambiental, *startups*, finanças, tecnologia, artes, esportes, moda, mídias sociais e conteúdo viral em vídeo, entre outros.

Aqui, ressalto a declaração política da Cúpula dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável adotada nas Nações Unidas imediatamente após a Cúpula da Juventude pelo Clima. Ao destacar o período até 2030 como “década de ação e de execução do desenvolvimento sustentável”,⁴⁴ afirma que devemos nos unir em parcerias duradouras com todas as partes interessadas relevantes, incluindo os jovens.

Com base nessa declaração, o secretário-geral Guterres lançou nova Década de Ação convocando ação em nível global e local, junto com esforços populares que engajem os jovens. Em sintonia com essa posição, apelo no sentido de que esses projetos populares incluam a promoção ativa de esforços liderados por jovens para desenvolver soluções climáticas.

Líder nos esforços para combater as mudanças climáticas, Greta Thunberg discursou na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas ocorrida em Madri em dezembro de 2019 (COP 25). Ao salientar a importância da próxima década rumo a 2030, ela afirmou: “De fato, todas as gran-



Memorial da Paz de Hiroshima representa a insensatez da guerra e a importância da paz duradoura (Hiroshima, Japão)

des mudanças ao longo da história vieram do povo. Não precisamos esperar. Podemos começar a mudança agora mesmo”.⁴⁵

Nesse sentido, proponho que a Cúpula da Juventude pelo Clima, realizada anualmente, seja um meio de criar nova trajetória para a ONU, e que ela trabalhe em articulação estreita com a sociedade civil para promover grande variedade de atividades com o objetivo de tornar os próximos dez anos uma década na qual os jovens de todos os cantos do mundo liderem o combate às mudanças climáticas.

Além disso, como medida para solidificar essa tendência, gostaria de propor ao Conselho de Segurança adotar resolução que encoraje a integração da participação dos jovens nas tomadas de decisão relacionadas ao clima. Isso seguiria o modelo da Resolução 2.250 do Conselho de Segurança, que estimula os Estados-membros a

fortalecer o papel dos jovens em questões de paz e de segurança.

Uma reunião de alto nível comemorando os 75 anos da fundação da ONU está marcada para setembro deste ano. Os jovens do mundo devem ser convidados a participar como parceiros-chave. A adoção de uma resolução do Conselho de Segurança, como a descrita acima, assinalaria o começo de dez anos de ações lideradas pelos jovens e com eles um novo capítulo da história da ONU.

O programa Ação Global Soka, iniciado por nossos jovens membros do Japão em 2014, está sendo relançado este ano como Ação Global Soka 2030. Tal programa busca edificar uma base eleitoral popular, coesa e comprometida com a ação e que inclui a iniciativa “Meus 10 Desafios”, na qual os indivíduos são incentivados a encontrar formas de reduzir sua pegada de carbono na vida diária.

O caminho para a resolução do problema das mudanças climáticas e da realização dos ODS não será tranquilo ou fácil. Entretanto, tenho profunda confiança de que, enquanto houver solidariedade entre os jovens, não haverá impasses que não possamos ultrapassar.

Construir apoio para o TPAN

Em seguida, gostaria de oferecer propostas concretas em quatro áreas que contribuirão para a criação de uma sociedade global sustentável onde todos possam viver com dignidade e segurança.

A primeira diz respeito ao Tratado de Proibição de Armas Nucleares (TPAN). Quero destacar bem mais a importância de assegurar a entrada em vigor do referido acordo ainda este ano, o septuagésimo quinto aniversário do bombardeio atômico de Hiroshima e de Nagasaki. Isso faria de 2020 o ano em que a humanidade finalmente deixaria, de forma efetiva, a era nuclear no passado.

Desde a sua adoção em julho de 2017, o TPAN foi assinado por oitenta Estados e ratificado por 35.⁴⁶ Os Estados devem assiná-lo e ratificá-lo rapidamente para que ele atinja o marco de cinquenta ratificações necessárias para entrar em vigor quanto antes.

Com a expiração do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF), até então o alicerce dos esforços pelo desarmamento nuclear entre os Estados Unidos e a Rússia, a corrida armamentista nuclear ameaça ser retomada. O mundo se depara com condições nas quais, nas palavras de Renata Dwan, diretora do Instituto das Nações Unidas para Pesquisas sobre Desarmamento, “o risco do uso de armas nucleares (...) é maior agora do que em qualquer época desde a Segunda Guerra Mundial”.⁴⁷ É urgente a entrada em vigor do TPAN para gerar uma corrente contrária a essa tendência.

Atualmente, nenhum Estado que possui ou depende de armas nucleares se juntou ao TPAN,

mas a proibição do uso de armas nucleares “sob quaisquer circunstâncias”⁴⁸ que o TPAN estabelece é um momento de significado histórico. Isso porque ele materializa, acima de tudo, o juramento dos *hibakusha* — vítimas dos bombardeios de Hiroshima e de Nagasaki e da produção e testes de armas nucleares ao redor do mundo — de forma que ninguém mais sofra o que eles sofreram.

A adoção do TPAN segue o caminho aberto por sucessivas resoluções da ONU ao longo das décadas em busca de soluções para a questão das armas nucleares, começando com a primeira resolução adotada pela Assembleia Geral em 1946, que clamava pela eliminação das armas atômicas. Assim como o secretário-geral Guterres salientou: “A total eliminação de armas nucleares está no DNA das Nações Unidas”.⁴⁹

O processo de assinatura e ratificação do TPAN não é, de forma significativa, diferente do adotado pelo Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP). Quando esse tratado entrou em vigor em março de 1970, ele havia sido assinado por 97 Estados e ratificado somente por 47. No entanto, a norma proibitória contra a proliferação das armas nucleares ganhou força pela existência do TNP. Muitos Estados que estavam considerando suas opções nucleares escolheram de forma voluntária o caminho da eliminação das armas nucleares. A África do Sul, que desenvolvera e possuía armas nucleares, finalizou seu programa nuclear ao eliminar e desmantelar seu arsenal para se juntar ao regime do TNP.

A não proliferação nuclear permaneceu como mero ideal antes do TNP entrar em vigor. Porém, uma vez que surtiu efeito e a ratificação começou a se espalhar, o ideal foi transformado em realidade, exercendo poderosa influência modelar no mundo. Como esse precedente demonstra, a entrada em vigor de um tratado pode prover uma nova e clara direção para o mundo, mesmo que o

número de seus Estados integrantes seja limitado nos estágios iniciais.

Gostaria de fazer referência a um importante artigo de Merav Datan e Jürgen Scheffran sobre a importância de se estabelecer uma norma internacional. Os autores estão entre os redatores da Convenção Modelo sobre Armas Nucleares (NWC), precursor do TPAN submetido à ONU como documento para discussão em 1997. Eles escreveram:

Se as áreas de divisão entre o DI (direito internacional) e as RI (relações internacionais) representam lacunas entre o ideal e o real, então o NWC encarna o ideal enquanto o TNP representa o real. O Tratado de Proibição (TPAN) incorpora ambos: o ideal, ao não ter Estados signatários com armas nucleares; e o real porque ele existe.⁵⁰

Eles ressaltam, adiante, que “Tendências e resistências opostas ao desarmamento também são realidade, mas elas não negam a evolução e o valor das normas”.⁵¹ Concordo.

O foco seguinte será dar significado e importância à proibição do uso de armas nucleares sob quaisquer circunstâncias — estabelecido com a entrada em vigor do TPAN — de forma que nenhum Estado possa desafiar seu estatuto.

De acordo com o relatório de 2019 da Ajuda Popular da Noruega, parceiro da Campanha Internacional para a Abolição das Armas Nucleares (Ican), 135 países apoiam o TPAN atualmente.⁵² O número de municípios que expressam seu apoio a ela também está crescendo. Cidades e povoados de Estados com armamentos nucleares, como Estados Unidos, Reino Unido e França, e de Estados dependentes de energia nuclear, como Alemanha, Países Baixos, Bélgica, Luxemburgo, Itália, Espanha, Noruega, Canadá, Japão e Austrália, e também a Suíça, se juntaram ao Apelo às Cidades lançado pelo Ican em

2018. Dentre eles estão Washington, DC, e Paris, capitais de Estados nucleares; e Berlim, Oslo e Canberra, capitais de Estados dependentes de energia nuclear.⁵³

Em outubro de 2019, o “Apelo dos Hibakusha” contendo 10,5 milhões de assinaturas, incluindo muitos cidadãos de países dependentes de energia nuclear e de países com armamentos nucleares, foi submetido à ONU.⁵⁴ A petição, que clama a todos os Estados para que se juntem ao TPAN, e que foi apoiada pelo Comitê pela Paz da Soka Gakkai, foi lançada em 2016 pelos *hibakusha* de Hiroshima e de Nagasaki.

É vital tecer juntos os vários fios da força popular global no apoio à eliminação das armas nucleares para avançar o processo de solidificação dessa corrente como uma norma na sociedade. Para isso, gostaria de sugerir que um fórum popular por um mundo sem armas nucleares seja realizado em Hiroshima ou em Nagasaki, para acompanhar o primeiro encontro dos Estados integrantes do TPAN, cujo texto determinaria sua realização até um ano depois da entrada em vigor.

O fórum uniria os *hibakusha* de todo o mundo, municípios que apoiam o TPAN e representantes da sociedade civil. Proponho a realização desse fórum porque acredito que, para a proibição de armas nucleares se implantar como norma global da humanidade, os povos devem estimular o debate embasado no reconhecimento compartilhado de que horrores das armas nucleares não devem nunca mais afetar nenhum país.

Espero sinceramente que o Japão, o único país a sofrer ataque nuclear em tempos de guerra, continue a trabalhar para aprofundar o debate internacional sobre a natureza desumana das armas nucleares e sirva de ponte entre os Estados com armamentos nucleares e os que não possuem tais armamentos.

A série de três conferências internacionais sobre o impacto negativo do uso de armas nucleares



Presidente Ikeda é nomeado sócio correspondente da ABL por iniciativa de Austregésilo de Athayde (Rio de Janeiro, fev. 1993)

na humanidade, iniciada em 2013, abriu caminho para o início das negociações de um tratado para proibição das armas nucleares — objetivo que sofreu dura resistência por mais de setenta anos. Essa série de conferências esclareceu os seguintes e importantes pontos:

1. É improvável que qualquer Estado ou organismo internacional consiga responder à emergência humanitária imediata causada pela detonação de armas nucleares de forma adequada e providenciar assistência suficiente às vítimas.

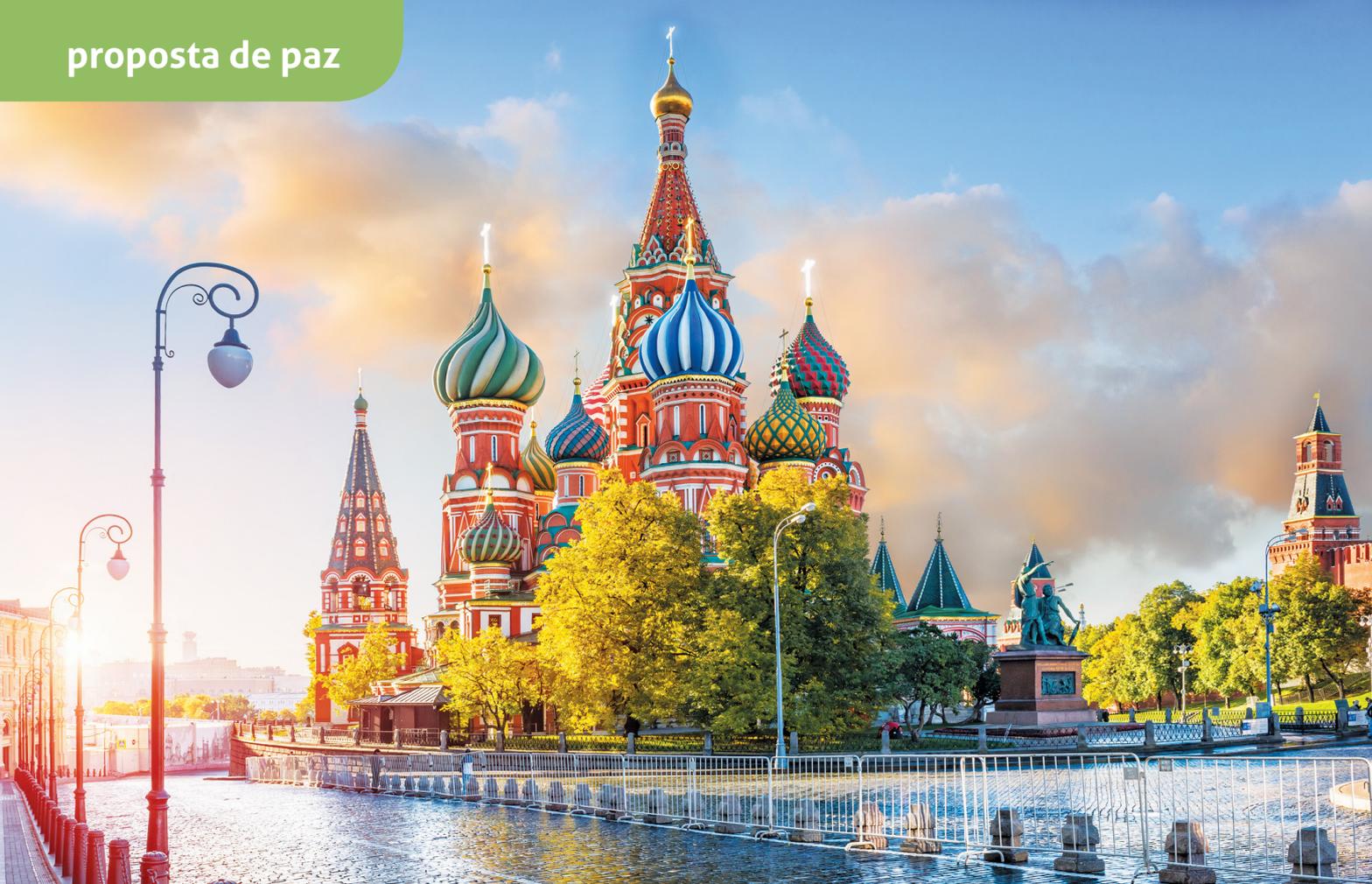
2. O impacto de uma detonação nuclear não estaria restrito a fronteiras nacionais, causando efeitos devastadores no longo prazo e pode ameaçar até mesmo a sobrevivência da humanidade.

3. Os efeitos indiretos de uma detonação nuclear incluiriam prejuízo ao desenvolvimento socioeconômico bem como perturbação ecológica, com efeitos concentrados nos segmentos mais desfavorecidos e vulneráveis da sociedade.

As conferências mudaram a perspectiva das discussões sobre as armas nucleares das questões de segurança nacional para o impacto humano do seu uso, contribuindo para um impulso maior pelas negociações por um tratado de banimento.

Em outubro de 2018, seguindo a adoção do TPAN, o Comitê de Direitos Humanos da ONU, responsável pelo monitoramento da implementação do Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (PIDCP) de 1966, adotou a afirmação de que a ameaça ou o uso de armas nucleares é “incompatível com o respeito pelo direito à vida”.⁵⁵

O direito à vida é definido no PIDCP como aquele “do qual nenhuma derrogação é permitida”⁵⁶ mesmo em situações de emergência, destacando seu lugar de importância única no direito internacional dos direitos humanos. Dessa forma, a natureza problemática das ameaças ou do uso de armas nucleares foi claramente apontada em relação a um dos direitos fundamentais do direito internacional dos direitos humanos, um desen-



Catedral de São Basílio, erguida na Praça Vermelha, é um dos principais monumentos de Moscou, Rússia

volvimento deveras significativo. Esse ponto também está no centro da Declaração pela Abolição das Armas Nucleares feita por meu mestre, Josei Toda, em setembro de 1957.

Um tema-chave para discussão dentro do fórum popular por um mundo sem armas nucleares proposto acima deve ser o direito à vida — com o direito humano internacional como lente que focaliza a natureza desumana dessas armas. Também gostaria de sugerir que esse fórum sirva de oportunidade para o compartilhamento mútuo de visões sobre como seria um mundo construído com a proibição das armas nucleares.

A voz de uma mulher, no debate que levou à elaboração do TPAN, ressaltou aspecto há tempos negligenciado sobre o dano causado por armas nucleares. Essa voz levou à convenção de uma perspectiva de gênero, nunca antes considerada como relevante, no problema dos armamentos nucleares. Na Conferência de Viena sobre o Impacto Humanitário de Armas Nucleares em

dezembro de 2014, Mary Olson, do Serviço de Informação e Recursos Nucleares, fez uma apresentação na qual descreveu as evidências de que os danos causados pela radiação emitida pelo uso de armas nucleares podem ser mais graves para as mulheres que para os homens. Isso estimulou a discussão mais aprofundada que resultou na inclusão do trecho no preâmbulo do TPAN:

Reconhecendo que a participação igual, plena e efetiva de homens e mulheres é fator essencial para a promoção e obtenção de paz e segurança sustentáveis, e comprometidos a apoiar e fortalecer a participação efetiva de mulheres no desarmamento nuclear (...).⁵⁷

Isso elucida, a partir de uma perspectiva de gênero, o perfil de uma visão do mundo que seria criado com o banimento das armas nucleares. Os relatos dos *hibakusha* de Hiroshima e de Nagasaki que a Soka Gakkai coletou e publicou ao longo dos

“Tenho certeza de que a eficácia do TPAN será ampliada como norma global (...) quando reunir amplo apoio popular, superando diferenças de nacionalidade e de visão de mundo”

anos incluem histórias de inúmeras mulheres. *Joseitachi no Hiroshima* [As Mulheres de Hiroshima], publicado em 2016, contém a narrativa de catorze mulheres e revela o sofrimento pelo qual passaram também depois que sobreviveram ao bombardeio, com o preconceito e a discriminação relacionados ao casamento e ao parto ao conviverem constantemente com o medo de sequelas da radiação.⁵⁸ Sua mensagem, no entanto, não é limitada à determinação enquanto *hibakusha* de nunca mais permitir que alguém sofra o que elas sofreram. Assim como refletido no subtítulo do livro *Por um Futuro Brilhante e Sorridente*, sua mensagem é animada com o juramento de trabalhar juntas para construir um mundo de paz no qual mães e crianças possam viver em segurança.

A fim de estabelecer relevância universal e gerar apoio para o TPAN, é vital que, em progresso exponencial, mais pessoas compartilhem umas com as outras a esperança e a determinação que nasce em meio à realidade da vida diária. Tenho certeza de que a eficácia do TPAN será ampliada como norma global para toda a humanidade quando reunir amplo apoio popular, superando diferenças de nacionalidade e de visão de mundo. Ele tem o poder de abraçar não só aqueles já engajados com questões de paz e de desarmamento, mas também aqueles preocupados com direitos humanos e de gênero, ou com o futuro de seus filhos e de suas famílias.

PRIMEIRO ENCONTRO DOS ESTADOS INTEGRANTES DO TPAN

No prazo de um ano após o Tratado de Proibição das Armas Nucleares (TPAN) ter entrado em vigor, ocorrerá o primeiro encontro dos Estados integrantes do tratado a fim de estabelecer prazos para a destruição das armas nucleares de um Estados integrantes e para a remoção das armas nucleares de um Estado estrangeiro. Para que o tratado possa entrar em vigor, deve ser ratificado por ao menos cinquenta países. Até 26 de janeiro de 2020, foi assinado por oitenta países e ratificado por trinta e cinco. Os apoiadores do tratado recomendam que a primeira reunião dos Estados integrantes considere definir um prazo limite de dez anos para a destruição de todas as armas nucleares.

Negociações multilaterais pelo desarmamento nuclear

A segunda área à qual gostaria de oferecer propostas concretas relaciona-se a políticas para conseguir progressos substanciais em direção ao desarmamento nuclear. Quero solicitar a inclusão de dois acordos na declaração final resultante da Conferência de Revisão do TNP a reunir-se na sede das Nações Unidas, em Nova York, nos meses de abril e maio do presente ano. O primeiro diz respeito ao início das negociações multilaterais pelo desarmamento nuclear e o segundo abarca deliberações na convergência de

“A confiança conquistada por meio desse diálogo pode impulsionar o progresso em direção a negociações substanciais relacionadas a metas numéricas para a redução de armas nucleares”

novas tecnologias, incluindo inteligência artificial (IA) e armas nucleares.

Sobre o primeiro, acredito que é crucial estender o Novo Tratado de Redução de Armas Estratégicas (New Start, sigla em inglês) entre os Estados Unidos e a Rússia, e começar negociações multilaterais sobre desarmamento nuclear. O modelo de trabalho do New Start, agendado para encerrar em fevereiro de 2021, estipula tanto a redução de ogivas estratégicas de países para até 1.550 e limita o número de instalações de mísseis balísticos intercontinentais (MBI), mísseis balísticos lançados de submarino (SLBM) e outros sistemas de emissão, para 700. O tratado pode ser estendido por cinco anos, mas as negociações estão atualmente paralisadas.

A perda da estrutura do New Start, após o fim do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF), criaria uma condição na qual, pela primeira vez em meio século, não existiriam restrições aos arsenais dos países. Esse vazio abre espaço para o risco de uma nova corrida nuclear. Além disso, o desenvolvimento acelerado de ogivas nucleares miniaturizadas e armas supersônicas geram a perspectiva de que o uso de armas nucleares seja considerado em conflitos limitados geograficamente. Isso torna a extensão de cinco anos do New Start absolutamente essencial.

À luz de tais fatos, a Conferência de Revisão do TNP deveria estimular uma moratória sobre a modernização de armas nucleares. Os Estados integrantes deveriam entender que as negociações multilaterais para o desarmamento nuclear precisam ser iniciadas antes da próxima Conferência de Revisão do TNP em 2025. Nos cinquenta anos de história do TNP, o único modelo de desarmamento nuclear ocorreu entre os Estados Unidos e a Rússia, e nenhum desarmamento nuclear foi realmente realizado por meio de processos multilaterais. A Conferência de Revisão de 2020 deve ser a ocasião oportuna para reafirmar que o TNP é o único acordo juridicamente vinculativo no qual todos os Estados com armas nucleares compartilham o objetivo do desarmamento nuclear e assumem o compromisso de concretizar esse acordo. Além disso, é necessário agir a fim de tornar concreto esse reconhecimento.

Em relação a medidas concretas que devem ser tomadas para essa finalidade, várias abordagens são possíveis, mas gostaria de propor que, com base na extensão por cinco anos do New Start, os Estados Unidos, a Rússia, o Reino Unido, a França e a China iniciem as negociações sobre um novo tratado de desarmamento nuclear, começando com diálogos sobre regimes de verificação.

Com base na experiência de verificação acumulada pelos Estados Unidos e pela Rússia e o discurso na International Partnership for Nuclear Disarmament Verification (Parceria Internacional pela Verificação do Desarmamento Nuclear), que começou cinco anos atrás com a participação de muitos países, esses cinco Estados deveriam definir logo os impedimentos do desarmamento nuclear. A confiança conquistada por meio desse diálogo pode impulsionar o progresso em direção a negociações substanciais relacionadas a metas numéricas para a redução de armas nucleares.

Acredito que, para chegar ao desarmamento nuclear multilateral, é útil reexaminar o conceito



“Os Estados não podem mais buscar
segurança à custa dos outros; ela pode
ser conquistada somente por meio de
empreendimentos cooperativos”

Relatório “Segurança Comum”



Integrantes da Divisão dos Jovens dialogam no vão livre do Masp, um dos tradicionais pontos turísticos da capital paulista (São Paulo, maio 2019)

de “segurança comum” que ajudou nos esforços para encerrar a Guerra Fria. “Segurança Comum” era o título do relatório escrito por uma comissão liderada pelo primeiro-ministro sueco Olof Palme (1927-1986) e enviado para a Segunda Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas dedicada ao Desarmamento (SSOD-II) em junho de 1982. Com base na compreensão de que não há vitoriosos na guerra nuclear, o relatório clamava pela seguinte transformação da consciência: “Os Estados não podem mais buscar segurança à custa dos outros; ela pode ser conquistada somente por meio de empreendimentos cooperativos”.⁵⁹

Esse pensamento se aproxima do meu. Na proposta que enviei na ocasião da SSOD-II, escrevi: “Diante do confronto entre enormes arsenais nucleares, torna-se claro que nenhuma futura expansão do poderio militar pode, sob quaisquer circunstâncias, gerar paz autêntica”.⁶⁰

No ano anterior, 1981, em meio à crescente tensão entre os Estados Unidos e a União Soviética, o presidente Ronald Reagan (1911-2004) es-

clareceu sua posição de confronto com a URSS e fez declarações sugerindo a possibilidade de uma guerra nuclear limitada. Mais tarde, Reagan recordou seu sentimento na época: “Nossa política deveria ser embasada na força e no realismo. Eu desejava a paz por meio da força, não a paz por meio de um pedaço de papel”.⁶¹

No entanto, enquanto testemunhava um movimento antinuclear crescente nos Estados Unidos e na Europa, e aprofundava sua consciência sobre a horrenda destruição que seria causada pelo uso de armas nucleares, Reagan sentiu fortemente a necessidade de evitar o conflito nuclear. Ele também começou a considerar com mais atenção o sentimento real das pessoas na União Soviética, país com o qual os Estados Unidos estavam envolvidos na competição nuclear. Mais tarde, ele refletiu sobre suas comunicações com o secretário-geral soviético Konstantin Chernenko (1911-1985):

Na carta para Chernenko eu disse que acreditava que seria vantajoso para nós se nos comuni-

“É importante reviver o espírito de segurança comum, e por essa razão proponho a inclusão de uma declaração dos Estados integrantes do TNP de que ‘uma guerra nuclear não pode ser vencida e nunca deve ser travada’”

cássemos direta e confidencialmente. Tentei usar a técnica de empatia de um ator veterano... Eu disse que compreendia que algumas pessoas na União Soviética sentiam medo genuíno de nosso país.⁶²

Com essa prática, Reagan avaliou o temor sentido em seu país como o que acontecia na União Soviética. Sua busca pelo diálogo com os líderes da União Soviética culminou na Convenção de Genebra com o secretário-geral Mikhail Gorbachev em novembro de 1985. Gorbachev estava igualmente convicto da necessidade de resolver a questão nuclear, e o diálogo franco entre os dois levou a uma declaração conjunta que inclui as famosas palavras: “Uma guerra nuclear não pode ser vencida e nunca deve ser travada”.⁶³

Isso reflete uma forma de pensar similar à ideia da segurança comum e levou-os a assinar o Tratado INF em dezembro de 1987, fundamental para que a Guerra Fria chegasse ao fim. Hoje, as tensões que envolvem armas nucleares estão novamente crescendo, e o mundo encara uma situação que já foi denominada de nova Guerra Fria. Agora, mais que nunca, é importante reviver o espírito de segurança comum, e por essa razão proponho a inclusão de uma declaração dos Estados integrantes do TNP de que “uma guerra nuclear não pode

SESSÕES ESPECIAIS DA ASSEMBLEIA GERAL SOBRE O DESARMAMENTO

Ao longo dos anos 1970 e 1980, movimentos de paz e movimentos antinucleares ganharam força, fazendo pressão pelo desarmamento nuclear e pelo fim da Guerra Fria. Nesse contexto, a Assembleia Geral da ONU realizou três Sessões Especiais sobre o Desarmamento (SSOD): SSOD I em 1978, SSOD II em 1982 e SSOD III em 1988. Daisaku Ikeda lançou propostas que coincidiram com os SSOD I e SSOD II, antes de começar a enviar as propostas [de paz] anuais em 1983, nas quais, com base na filosofia budista, se posicionou contra a estratégia de dissuasão nuclear. Em sua proposta para a SSOD II, ele clamou pelo estabelecimento de um “Conselho de Cidadãos Globais pela Proteção da ONU”, no qual cidadãos comuns — não só governos — teriam papel central.

ser vencida e nunca deve ser travada” no documento final da Conferência de Revisão.

A Agenda pelo Desarmamento publicada pela ONU em maio de 2018 pediu o “desarmamento para salvar a humanidade”.⁶⁴ Em discurso no dia seguinte ao lançamento do relatório, o subsecretário-geral e Alto Representante da ONU para Assuntos de Desarmamento, Izumi Nakamitsu, envolvido com a preparação do documento, abordou a relação entre segurança e desarmamento da seguinte forma:

Desarmamento é a força motriz para a paz e para a segurança internacional, e ferramenta útil para assegurar a segurança nacional (...). O

desarmamento não é um ideal utópico, mas uma busca tangível para prevenir o conflito e mitigar seu impacto quando e onde ele ocorrer.⁶⁵

Por meio de negociações efetivas pelo desarmamento nuclear, ferramentas úteis para se atingir a própria segurança, podemos reduzir a sensação de ameaça e insegurança que nós mesmos sentimos. Com base nessa abordagem mutuamente benéfica do ganha-ganha, agora é o momento de promover com energia a boa-fé do desarmamento nuclear, para o qual o artigo VI do TNP nos determina.

Também espero que a Conferência de Revisão do TNP encontre consenso sobre a ameaça apresentada por ciberataques a sistemas relacionados a armas nucleares e à introdução da IA na operação desses sistemas. Espero dessa conferência uma consciência mais profunda dessas ameaças e que delibere sobre o desenvolvimento do regime de proibição. Enquanto novas tecnologias utilizando a IA, a internet e os outros ciberespaços têm beneficiado positivamente a sociedade de várias formas, é preocupante que sua aplicação para fins militares esteja se expandindo rapidamente.

No mês de março [de 2019], realizou-se em Berlim uma conferência para discutir os desafios apresentados por tais tecnologias emergentes. O maior foco da reunião, assistida por representantes dos governos de países da Otan, países-membros da União Europeia, Rússia, China, Índia, Japão e Brasil, foram os sistemas de armas autônomas letais (Laws, em inglês), popularmente denominados robôs assassinos, bem como no impacto que novas tecnologias teriam em armas nucleares e em outros tipos de armamentos. Uma declaração política feita pelos ministros das Relações Exteriores da Alemanha, dos Países Baixos e da Suécia emergiu da conferência, no qual eles concordaram que “é necessário construir uma compreensão compartilhada de como a capacidade militar aprimorada pela tecnologia pode mudar

“Enquanto novas tecnologias utilizando a IA, a internet e os outros ciberespaços têm beneficiado positivamente a sociedade de várias formas, é preocupante que sua aplicação para fins militares esteja se expandindo rapidamente”

as características da guerra e como isso pode influenciar a segurança global”.⁶⁶

Essa preocupação dos Estados dependentes de energia nuclear é indicativa da velocidade alarmante com a qual as novas tecnologias estão sendo desenvolvidas. Assim sendo, proponho o início imediato das deliberações sobre essa questão, dentro do modelo de trabalho do TNP.

Quando a decisão de suspender indefinidamente o TNP foi tomada em 1995, os Estados integrantes concordaram que as Conferências de Revisão deveriam não só avaliar os resultados de projetos anteriores, mas identificar as áreas nas quais maiores progressos deveriam ser alcançados no futuro, assim como as formas de conquistá-los.⁶⁷ Ao considerar a urgência do assunto e a escala dos riscos, é necessário dar prioridade à abordagem das novas tecnologias e suas implicações em armamentos nucleares.

Ciberataques, por exemplo, podem afetar não só o comando e o controle de centros de armas nucleares, como também ampla variedade de sistemas relacionados, incluindo alertas precoces de sistemas de comunicação e de execução de tarefas. No pior cenário, um ciberataque em qualquer um desses sistemas poderia levar ao lançamento e à detonação de armas nucleares.



Adoção da inteligência artificial em aplicações militares em Estados com armas nucleares apresenta um grande risco para a sociedade global

Sobre essa questão, o secretário-geral Guterres expressou a seguinte preocupação:

Há consenso de que o direito internacional, incluindo o Estatuto das Nações Unidas, se aplica ao ciberespaço. No entanto ainda falta o consenso sobre precisamente como o direito internacional se aplica e como os Estados podem responder a atos maliciosos ou hostis, dentro dos limites da lei.⁶⁸

Como forma de estabelecer um precedente nessa questão, e um passo rumo à redução do risco nuclear, devem-se tomar medidas imediatas no âmbito do TNP para proibir ciberataques em sistemas relacionados a recursos nucleares. Há também muitos perigos associados à adoção da IA em operações de armas nucleares. De acordo com um relatório lançado pelo Instituto de Pesquisa da Paz Internacional de Estocolmo (Sipri, em inglês) em maio do ano passado, as vantagens de se adotar a IA — a partir da perspectiva dos Estados com armamentos nucleares — incluem o fato de que, além de remover

limitações como a fadiga ou o medo que causam a deterioração da performance humana ao longo do tempo, ele garante maior alcance do sistema e acesso a áreas com ambientes de difícil operação para seres humanos, como águas profundas e regiões polares.⁶⁹

Porém o relatório também alerta que maior confiança na IA levaria ao aumento de fatores que desestabilizam as operações com armas nucleares, e a maiores riscos nucleares. Consideremos o exemplo da dissuasão nuclear que possui natureza altamente psicológica e se baseia em percepções das intenções do adversário.⁷⁰ O relatório pontua que recentes avanços na IA tornam impossível perceber as intenções do adversário. Se a IA ganhar papel central nos sistemas de armas nucleares, a natureza opaca dessas tecnologias — nas quais os mecanismos interiores são difíceis de serem compreendidos e operam como se fossem uma caixa-preta — tornaria cada vez mais difícil prever as intenções do adversário, provocando condições de crescente ansiedade e desconfiança.⁷¹ O relatório ressalta que “Os Estados



Exposições de fotografias e mapas no Conselho de Segurança montada pelo embaixador Adlai E. Stevenson (segundo à direita, à mesa) dos Estados Unidos, que, segundo ele, mostrava instalações de locais de mísseis balísticos em Cuba (Nova York, Estados Unidos, out. 1962)

Unidos e a URSS investiram muito tempo e esforços para estudar os sistemas estratégicos e o comportamento dos dois países durante a Guerra Fria. E mais, seus representantes militares se encontravam com frequência, mesmo de forma nem sempre produtiva”.⁷²

Embora possamos falar de percepção psicológica, acredito que o acúmulo da experiência obtida nos encontros pessoais aprimorou a habilidade das partes de prever os movimentos de cada um deles. Durante a Guerra Fria, aconteceram muitos casos perigosos nos quais, devido à má informação ou ao mau funcionamento, os sistemas de computadores reportavam erroneamente mísseis nas proximidades. A crise foi contida graças à atenção das pessoas que monitoravam esses sistemas, que usaram a razão e acreditaram em sua intuição ao reportar como falsas as

“A crise foi contida graças à atenção das pessoas que monitoravam esses sistemas, que usaram a razão e acreditaram em sua intuição”

informações do monitor e fazer recomendações opostas ao contra-ataque. Hoje, quando analisamos os riscos associados aos ciberataques como o hackeamento e as falsificações maliciosas, a aceleração da adoção da IA tornaria tais sistemas ainda mais vulneráveis tanto em relação a informações errôneas quanto a informações deliberadamente falsificadas.

Não importa quanto os sistemas de armas nucleares se tornem dependentes da IA, parece improvável que o apertar final do botão nuclear será delegado a uma máquina em algum momento próximo. No entanto, devemos abordar o fato de que a pressa para adotar a IA em aplicações militares em Estados com armas nucleares apresenta um sério risco e grande dilema para a sociedade global. Ainda que o uso da IA possa trazer um ganho adicional em rapidez e consequente superioridade militar, dele também podem surgir dilemas como o enfrentado pelo presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy (1917-1963), e pelo secretário-geral da URSS Nikita Khrushchev (1894-1971) durante a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962, mas com oportunidades ainda menores de considerar opções.

Lembrando-se das lições aprendidas com essa crise que abalou o mundo, Kennedy uma vez disse que “potências nucleares devem evitar confrontos que levem o adversário à opção entre o recuo humilhante ou a guerra nuclear”.⁷³ Essas palavras refletem quão perto estiveram de um desastre e quanto ele lastimava o fato de as condições se deteriorarem a tal ponto. Ainda assim, a ambos os líderes foi concedido um período de treze dias para deliberar. Se a busca por rapidez maior continuar, a pressão crescente de ser ultrapassado pelo adversário deixará espaço ainda menor para a tomada de decisão embasada em considerações cautelosas.

O relatório Sipri alerta: “A busca por armamentos mais rápidos, mais inteligentes, mais precisos e mais versáteis pode levar à desestabilização da corrida armamentista”.⁷⁴ Defendo fortemente a opinião de que, longe de ajudar a prevenir uma guerra nuclear, a aplicação da IA em armamentos nucleares pode apenas encorajar seu uso preventivo.

Acredito, assim como seu preâmbulo indica, que a natureza duradoura do TNP é seu compro-

misso em fazer todos os esforços para prevenir o perigo da guerra nuclear. Seguindo em frente, é crucial que todos os Estados integrantes do tratado façam disso sua base compartilhada, no debate sobre ciberataques e na adoção da IA como oportunidade de se interrogarem sobre o significado de sua dependência contínua de armas nucleares em doutrinas de segurança.

Tornando visível o invisível

Minha terceira proposta diz respeito às mudanças climáticas e à redução de riscos de desastres (RRD). As respostas necessárias às mudanças climáticas não estão limitadas à redução da emissão dos gases de efeito estufa. Há necessidade urgente de estabelecer medidas para se limitar o dano causado, por exemplo, pelos fenômenos naturais extremos. Esses também foram os principais temas discutidos na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 25) ocorrida em Madri em dezembro de 2019.

De acordo com um relatório lançado pela Oxfam antes da COP 25, os desastres naturais relacionados ao clima cresceram cinco vezes na última década. Globalmente, um número muito maior de pessoas está sem abrigo devido às causas originadas pelas mudanças climáticas do que por desastres naturais, como terremotos, ou pelo conflito armado.⁷⁵ Quero sugerir que uma conferência da ONU com foco nas mudanças climáticas e redução de riscos de desastres se realize no Japão.

Desde 2007, o Escritório das Nações Unidas para a Redução de Riscos de Desastres (UNDRR) convocou e reuniu a Plataforma Global para a Redução de Riscos de Desastres. No início, promovido a cada dois anos, o fórum tem como participantes funcionários do governo e representantes da sociedade civil. O fórum realizado em 2015 foi lançado na Terceira Conferência Mundial da ONU para a



Dois meninos mongóis sentam-se diante da televisão com seus cordeiros. Retratada em meio ao inverno, essa família nômade vive no extremo norte do deserto de Gob (província de Ômnôgovi, Mongólia Meridional)

“Os países precisam ter por base as próprias experiências e assim fortalecer medidas de redução de riscos causados por eventos climáticos extremos”

Redução de Riscos de Desastres em Sendai, no Japão. A sessão mais recente da Plataforma Global (GP 2019), ocorrida em Genebra no mês de maio de 2019, teve mais de 4 mil participantes de 182 países.⁷⁶ A Plataforma Global será promovida agora a cada três anos, com o próximo previsto para acontecer em 2022. Gostaria de sugerir que esse encontro seja realizado no Japão, como espaço de deliberação sobre as RRD em relação aos eventos climáticos extremos e aos desafios enfrentados pelos esforços de recuperação dos locais afetados.

Em 2015, a Terceira Conferência Mundial da ONU para a RRD adotou o Quadro de Sendai.

Esse modelo de trabalho apresenta diversas metas, dentre as quais a redução substancial do número de pessoas afetadas pelos desastres naturais até 2030. Para que se cumpram essas metas, os países precisam ter por base as próprias experiências e assim fortalecer medidas de redução de riscos causados por eventos climáticos extremos.

Em setembro de 2019, a Coalizão para Infraestrutura Resiliente a Desastres foi lançada por iniciativa da Índia. Essa parceria internacional servirá para fortalecer a coordenação de apoio técnico e a capacidade de desenvolver uma infraestrutura resiliente não só a tipos de desastres sísmicos que têm sido há tempos um importante foco, mas também aos impactos da mudança climática. País de crescente número de desastres resultados do clima nos anos recentes, o Japão se juntou a essa coalizão. Proponho que o Japão, em colaboração com a Índia e outros Estados-membros, lidere a elaboração de diretrizes globais relacionadas a essa questão na Plataforma Global.

Também sugiro que um dos temas principais na próxima Plataforma Global seja o papel de governos locais diante de desastres climáticos, e que o encontro seja oportunidade de construção de parcerias entre os municípios. Até hoje, mais de 4.300 municípios ao redor do mundo assinaram a campanha Como Construir Cidades Resilientes⁷⁷ da UNDRR, com a participação de todos os municípios da Mongólia e de Bangladesh.⁷⁸ Este ano marca o décimo ano desde o início da campanha. É importante que os municípios continuem fortalecendo a coordenação entre si, com crescente ênfase em gerir os riscos de eventos climáticos extremos.

Cerca de 40% da população do mundo vive num raio de 100 quilômetros da costa,⁷⁹ o que os coloca em crescente risco de desastres causados pelo clima. A grande maioria da população japonesa também vive em áreas costeiras. Seria de grande importância para os municípios em áreas costeiras do Japão e em outros países da Ásia, como China e Coreia do Sul, dividir experiências e boas práticas relacionadas a mudanças climáticas e RRD, gerando sinergia benéfica à Ásia como um todo.

A Conferência Ministerial Ásia-Pacífico sobre Redução de Riscos de Desastres ocorrerá na Austrália, em junho deste ano. Espero que essa conferência seja ocasião de aprofundar a discussão para fortalecer a colaboração entre municípios e passe a ser ação global a partir do GP 2022. Em adição aos temas mencionados acima, espero que o encontro de 2022 priorize discussões sobre caminhos de criação de sociedade mais inclusiva na qual aqueles seriamente impactados pelos desastres climáticos não sejam deixados para trás.

O GP 2019 em Genebra teve foco significativo na promoção da igualdade de gênero e da inclusão social. Metade dos palestrantes e 40% dos participantes eram mulheres. Além disso, mais de 120 pessoas com deficiência participaram.⁸⁰ Um dos

Defensores dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, Edward Ndopu, da África do Sul, compartilhou seus pensamentos sobre o processo de recuperação inclusiva, adotado depois de desastres:

Pessoas com deficiências constituem o maior grupo minoritário do mundo — 15% da população global — mas são esquecidas de forma sistemática (...). Há uma conexão entre o ato físico de deixar as pessoas com deficiência para trás e as reais implicações sociais da exclusão na vida de pessoas com deficiência.⁸¹

O Sr. Ndopu, que foi diagnosticado com atrofia muscular da coluna vertebral aos 2 anos, também defendeu a necessidade da reforma nas atitudes sociais com relação àqueles que enfrentam maior risco em situações de desastre. Acredito que esse ponto seja indispensável para qualquer esforço de aprimoramento da resiliência — condição essencial tanto para a gestão de riscos pré-desastre como para a reabilitação pós-desastre. Só por meio da promoção da vida compartilhada e pelo fortalecimento do tecido da interconexão em nossa vida diária poderemos continuar a desenvolver a capacidade de proteger a vida e a dignidade das pessoas desde o início do desastre até o processo de recuperação pós-desastre.

Uma das ideias centrais ressaltadas em uma sessão sobre RRD sensíveis às questões de gênero e construção de resiliência no GP 2019 foi: “É importante tornar visível o invisível nos desastres”.⁸² Por conta das circunstâncias nas quais muitas mulheres vivem, obscurecidas por normas sociais e atitudes discriminatórias, elas sofrem um risco maior de serem deixadas para trás quando mais precisam de assistência.

Quando eventos climáticos extremos ou irregulares fazem necessária a evacuação, as mulheres são geralmente as últimas a sair, ficam para

trás para cuidar das crianças, das pessoas mais velhas ou de parentes doentes, em especial nos casos em que os homens deixaram a casa em busca de fonte de sustento em outro local. Por outro lado, é preciso afirmar que as mulheres são grande fonte de força após o desastre, oferecendo apoio e cuidados às pessoas em sua comunidade.

A ONU Mulheres frisou que as contribuições reais e potenciais de mulheres na redução de riscos de desastres — da liderança na sequência imediata à tragédia por meio da construção da resiliência na comunidade — são um ativo social que continua ignorado em grande parte. Quando penso em fatores estruturais que tendem a obscurecer a consciência sobre pessoas ou coisas que existem, eu me lembro de uma analogia que aparece em um dos sutras Mahayana sobre a luz das estrelas durante o dia. Incontáveis estrelas existem nos céus, cada uma emitindo seu claro brilho, mas não as percebemos durante o dia por conta da luz do sol.

Seja no curso normal da vida ou em tempos de desastre, as mulheres desempenham papel crucial, ao gerarem redes de apoio mútuo dentro das comunidades locais. Essa é a razão pela qual ouvir com atenção suas vozes em todas as etapas do processo de definição de medidas de gestão de desastres — tanto nos casos de desastres geofísicos, como terremotos, ou de outros eventos climáticos extremos — será a chave para construir comunidades resilientes aos desastres.

Este ano de 2020 marcará o aniversário de 25 anos da adoção da Declaração e Plataforma de Ação de Pequim. Desenvolvida na Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher em Pequim, ela estabelece diretrizes claras para se alcançar a igualdade de gênero. A declaração afirma:

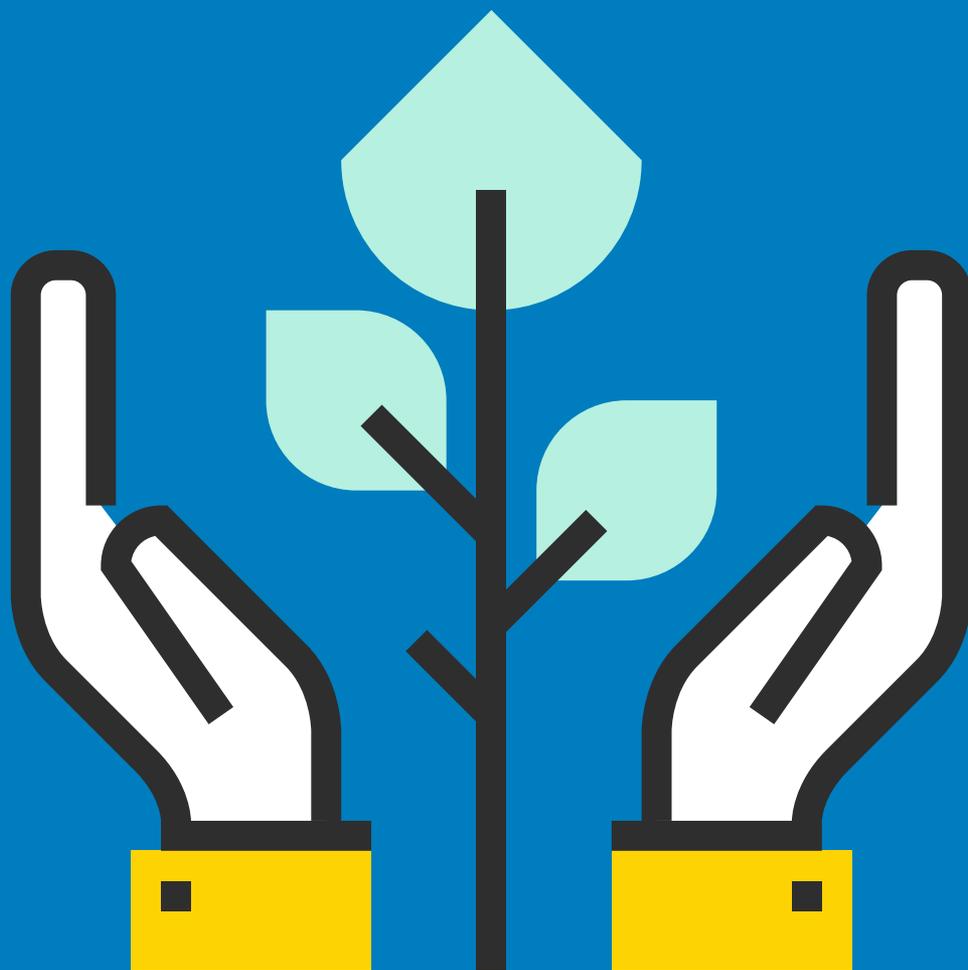
O avanço das mulheres e a conquista da igualdade entre mulheres e homens são uma questão de direitos humanos e uma condição para a justiça

“Seja no curso normal da vida ou em tempos de desastre, as mulheres desempenham papel crucial, ao gerar redes de apoio mútuo dentro das comunidades locais”

social e não devem ser encarados isoladamente como uma questão de mulheres. São a única forma de construir uma sociedade sustentável, justa e desenvolvida.⁸³

O espírito da igualdade de gênero é crucial no campo da redução de riscos de desastres. Seja no contexto da RRD ou de eventos extremos resultantes de mudanças climáticas, medidas para fortalecer a resiliência devem ir além de melhorar a infraestrutura física. Devemos não só lutar para garantir que a igualdade de gênero se torne realidade, como também priorizar aqueles que tendem a ser ignorados e deixados para trás na vida diária, enquanto trabalhamos para construir a resiliência da nossa comunidade.

Ao longo dos anos, como organização baseada na fé, a SGI tem participado regularmente de conferências sobre RRD incluindo a Plataforma Global, e também se engaja em atividades de ajuda emergencial e de recuperação em épocas de desastres. Em 2017, a SGI coorganizou um evento no GP 2017 em Cancún, México, intitulado Locally-led Disaster Risk Reduction by Faith Based Organizations (FBO) — Implementing the Sendai Framework [Redução de Riscos de Desastres Liderada Localmente por Organizações Baseadas na Fé (OBF) — Implementando o Quadro de Sendai]. Nessa ocasião, a SGI lançou uma declaração



“O avanço das mulheres e a conquista da igualdade entre mulheres e homens são uma questão de direitos humanos e uma condição para a justiça social e não devem ser encarados isoladamente como uma questão de mulheres. São a única forma de construir uma sociedade sustentável, justa e desenvolvida”

Declaração e Plataforma de Ação de Pequim



Professor escreve na lousa e alunos copiam. Parte da escola foi destruída pelos ciclones Idai e Kenneth (Meira, Moçambique, jul. 2019)

conjunta com cristãos, muçulmanos e outros parceiros das OBF,⁸⁴ e uma declaração conjunta similar foi lançada no GP 2019 em Genebra.⁸⁵

Em março de 2018, a SGI, junto com outras quatro OBF formou a Asia Pacific Faith-Based Coalition for Sustainable Development (APFC) [Coalizão Ásia-Pacífico Baseadas na Fé pelo Desenvolvimento Sustentável] e em julho os cinco membros da APFC enviaram uma declaração conjunta à Asian Ministerial Conference on Disaster Risk Reduction [Conferência Ministerial Asiática sobre Redução de Riscos de Desastres] em Ulan Bator, Mongólia. Essa declaração inclui as seguintes decisões conjuntas:

No cerne da missão das OBF está o desejo de abordar as causas principais das vulnerabilidades e trazer esperança e bem-estar para comunidades às margens da sociedade (...).

Grupos Baseados na Fé têm papel crucial na localização de redução de riscos, construção da resiliência e ação humanitária.⁸⁶

A SGI compartilha o espírito da comunidade OBF e continuará a apoiar os esforços para aumentar a resiliência, motivada pela visão de uma sociedade inclusiva na qual a dignidade de todas as pessoas é respeitada.

Educação para crianças em situação de crise

A última das minhas quatro propostas relaciona-se ao fortalecimento do apoio às crianças e aos jovens desprovidos de oportunidades educacionais devido ao conflito armado ou aos desastres naturais. Acredito que proteger o direito humano e o futuro desenvolvimento da próxima

geração seja a pedra angular da criação de sociedade global sustentável.

A Convenção sobre os Direitos das Crianças celebrará seu trigésimo aniversário de entrada em vigor no mês de setembro. Com 196 Estados integrantes — um número maior do que as afiliações da ONU —, é o tratado sobre direitos humanos universais mais ratificado. A convenção estipula que os governos têm a obrigação de assegurar o direito de todas as crianças à educação e, de fato, a proporção de crianças em idade escolar que não frequentam as escolas decresceu de 20% em 1990 para menos de 10% em 2019.⁸⁷ Apesar desse progresso, milhões de crianças e jovens que vivem em países atingidos por conflitos ou desastres ainda enfrentam graves desvantagens educacionais.

No Iêmen, país devastado por conflito prolongado, 2,4 milhões de crianças em idade escolar são desprovidas de educação.⁸⁸ A infraestrutura das escolas foi atingida e severamente prejudicada por suas instalações serem usadas como bases militares ou abrigos civis. Em Bangladesh, que foi repetidamente impactada por desastres ambientais exacerbados pela crise climática, vasto número de famílias foi levado à pobreza e forçado a sair de sua casa. No processo, há a preocupação com a saúde das crianças, e crescente número delas se encontra impedida de acesso à educação.

Globalmente, mais de 104 milhões de crianças e jovens estão desprovidos de educação, resultado de conflitos e desastres.⁸⁹ Ainda assim, menos de 2% do fundo humanitário é destinado a essa área.⁹⁰ Por tradição, a educação tem recebido menos importância nas atividades de ajuda humanitária do que os alimentos e suprimentos médicos necessários à sobrevivência. E mesmo depois de começada a fase de recuperação, a educação sempre foi uma das últimas áreas a receber atenção. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) destaca o

“A educação é a chave para promover a paz, a tolerância e o respeito mútuo”

Yasmine Sherif

papel das escolas em prover às crianças um local importante para retomar a vida. Passar tempo com amigos na escola oferece às crianças ajuda psicológica para começar a se curar das experiências traumáticas ao crescerem em meio ao conflito ou em zonas de desastre.

Nesse contexto, A Educação Não Pode Esperar (ECW) é um novo fundo global estabelecido durante a Cúpula Mundial Humanitária em 2019 pelo Unicef. É a primeira iniciativa desse tipo dedicada à educação em situação de emergência e em crises prolongadas. No total, a ECW já beneficiou mais de 1,9 milhão de crianças cercadas por emergências humanitárias, oferecendo-lhes oportunidades educacionais.⁹¹ Isso permite que jovens atingidos pela crise recuperem a esperança e a segurança enquanto continuam a avançar em direção ao futuro com sonhos em seu coração. Também serve como um recurso vital, trazendo paz e estabilidade à comunidade e à sociedade.

É como a diretora Yasmine Sherif explica:

Como é possível construir uma sociedade viável socioeconomicamente se os cidadãos e refugiados nessa sociedade não podem ler ou escrever, não podem pensar criticamente, não têm professores, não têm advogados, não têm médicos. A educação é a chave para promover a paz, a tolerância e o respeito mútuo: ela reduz a probabilidade de violência e de conflito em 37% quando meninas e meninos têm acesso igual à educação.⁹²

Dentre os ODS existe a meta de assegurar que todas as meninas e meninos recebam educação completa de qualidade. É inaceitável permitir que crianças e jovens que vivem em países afligidos pelo conflito ou desastre sejam deixados para trás e se tornem uma “geração perdida”.

Em 2016, ano em que o ECW foi estabelecido, estimou-se que eram necessários 8,5 bilhões de dólares anuais para oferecer o pacote de educação básica para 75 milhões de crianças afetadas por tais crises, o que equivale a 113 dólares por criança ao ano.⁹³ O número de crianças carentes aumentou a partir de então para 104 milhões.⁹⁴ Redirecionar uma pequena fração do gasto militar global, estimado em 1,8 trilhão de dólares anuais,⁹⁵ seria suficiente para dar apoio internacional à educação e permitir a milhões de jovens em condições adversas dar um passo de esperança em sua vida.

Clamo à comunidade internacional que fortaleça o pilar financeiro do ECW para dar condições à educação durante as emergências. Essa provisão constituirá grande contribuição para criar uma sociedade global sustentável na qual todos poderão viver com dignidade e segurança.

Na minha *Proposta de Paz* 2009, solicitei a expansão de mecanismos inovadores de financiamento, como as arrecadações internacionais solidárias, a fim de acelerar o processo de concretização dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU. À medida que focamos os próximos objetivos, os ODS, há a necessidade de redobrar os esforços. Agora é a hora de estudar medidas adicionais para arrecadar mais fundos para esse objetivo, incluindo o estabelecimento de uma taxa internacional solidária dedicada à educação.

A taxa solidária em passagens aéreas atualmente implementada na França e em outros países está sendo usada como fundo internacional para ajudar pessoas em países em desenvolvimento que sofrem com doenças infecciosas como HIV/

CÚPULA MUNDIAL HUMANITÁRIA

Em 2016, o secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, convocou a primeira Cúpula Mundial Humanitária em Istambul, na Turquia. A proposta era revisar os esforços de ajuda humanitária a um nível fundamental por meio da construção de um sistema mais inclusivo e mais diverso que responda à atual crise de forma mais efetiva. A cúpula reuniu 9 mil participantes que representavam 180 Estados-membros, incluindo 55 chefes de Estado e de governo, centenas de representantes da sociedade civil, organizações não governamentais e organizações baseadas na fé, parceiros do setor privado e da academia.

Aids, tuberculose e malária. Outros exemplos de modelos de financiamento inovadores incluem o Unitlife, lançado há cinco anos para combater a desnutrição infantil crônica.

Na Reunião Ministerial do G7 para o Desenvolvimento em julho, o Japão — que no ano passado exerceu a presidência do Leading Group on Innovative Financing for Development [Grupo de Liderança em Inovação no Financiamento para o Desenvolvimento] — abordou a necessidade de estabelecer métodos de financiamento, como uma taxa internacional solidária, a fim de alavancar os esforços de desenvolvimento. Em colaboração com a Unicef, o Japão foi essencial em distribuir apostilas para 100 mil estudantes do ensino fundamental e providenciar materiais e mochilas escolares para 62 mil crianças na Síria devastada pela guerra.⁹⁶



Alunos da escola Buenaventura Corrales, em San José, capital da Costa Rica

Em áreas do Afeganistão onde há um déficit de ajuda humanitária, o Japão financiou a construção de setenta escolas, possibilitando que 50 mil crianças estudassem em ambientes propícios para o aprendizado.⁹⁷ Clamo ao Japão que utilize sua rica experiência em apoiar o desenvolvimento educacional além-mar assumindo papel ativo no fortalecimento da base financeira do ECW e liderando a discussão sobre a formulação de novas plataformas que possam aumentar a disponibilidade de fundos internacionais solidários para a educação.

Gostaria de compartilhar um exemplo do Acnur, a Agência da ONU para Refugiados, sobre a esperança que pode ser inspirada no coração de famílias deslocadas quando elas têm acesso à educação no local em que buscam refúgio. Uma jovem mãe e seus dois filhos foram forçados a sair da Nicarágua diante da grande instabilidade social e política. Sua decisão de tirar os filhos da escola e mudar com eles para o país vizinho Costa Rica foi

dolorosa, mas ela não tinha opções diante dos perigos que enfrentavam. Até para retirar os certificados e os boletins das crianças foi um processo pleno de riscos, e a família teve dificuldades para sair do país com apenas uma maleta. A grande preocupação da mãe era se os filhos poderiam ir à escola no país vizinho.

Felizmente, ela soube que as escolas de educação infantil na Costa Rica são livres e garantidas às crianças. Além disso, muitas escolas no norte do país buscavam atender às necessidades de famílias refugiadas ao simplificarem os requerimentos para permitir que crianças mesmo sem documentação ingressassem nas instituições. Por conta de muitas crianças estarem fora do sistema de educação formal por certo tempo, parte das escolas providenciava lições extras para que as crianças acompanhassem as aulas. Graças a esse sistema, seus filhos foram capazes de retornar às aulas.



Representantes da Divisão dos Jovens de 65 países e do Japão reúnem-se para convenção comemorativa do Dia 16 de Março (Japão, mar. 2018)

Seu filho de 14 anos expressou grande felicidade ao estudar novamente, compartilhando o sonho de um dia se tornar médico. Ele e sua irmã mais nova, de 10 anos, vão à escola de mãos dadas todos os dias. Um professor da instituição explicou seu objetivo: ajudar crianças que foram forçadas a sair de sua residência a se sentir “em casa” dentro dos muros da escola.⁹⁸

Por trás do espantoso número de 104 milhões de crianças em idade escolar impedidas de ter acesso à educação devido a emergências, estão indivíduos com suas histórias únicas. Assegurar o acesso igualitário à educação a essas crianças permitirá que elas recuperem a esperança e avancem rumo aos objetivos de vida.

A educação é um dos pilares — junto com a paz e a cultura — em torno dos quais a SGI se engaja em atividades em 192 países e territórios. Atividades projetadas para promover o empoderamento das pessoas, pelas pessoas e para as pessoas.

O espírito do nosso movimento é simbolizado de forma eloquente por um desenho utilizado na capa do *Soka Kyoikugaku Taikei* [Sistema Ped-

gógico de Criação de Valor], lançado há noventa anos (em 18 de novembro de 1930) pelos dois presidentes fundadores da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi e Josei Toda — educadores ligados pelo laço de mestre e discípulo. O desenho representa uma lâmpadina a óleo cuja luz dispersa a escuridão à sua volta.

Quando a sociedade enfrenta profunda agitação ou está repleta de perigos, são sempre as crianças e os jovens que sofrem as consequências. Profundamente angustiado por testemunhar tais condições, Makiguchi se dedicou à educação básica, a linha de frente do aprendizado. Ao se empenhar ao máximo para acender a chama da esperança no coração de seus jovens alunos, ele continuou suas pesquisas sobre formas de educação humanitária para ajudar as pessoas a desenvolver suas capacidades e a alcançar a felicidade. Seus esforços culminaram com o trabalho mencionado antes, *Sistema Pedagógico da Criação de Valor*.

Makiguchi estava com 30 anos durante a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e dedicou-se a promover a educação para meninas e mu-

lheres, uma área na qual o Japão estava defasado. Muitas famílias lutavam contra condições financeiras adversas, por vezes ao perder seu principal sustento em razão de falecimentos, lesões e doenças resultantes da guerra. Ele respondeu ao apelo dessas pessoas ao estabelecer um programa de assistência ao ensino e financiar o estudo ou reduzir à metade a mensalidade de alunos dessas famílias.

Em seus 40 anos, ele trabalhou como diretor de uma escola primária criada especialmente para famílias carentes. Durante essa época, visitou e ajudou a cuidar das crianças que haviam ficado doentes e providenciou refeições na escola para as desnutridas. A razão pela qual Makiguchi atuou tanto para ajudar seus alunos remonta, sem dúvida, à sua própria experiência. Na infância e na adolescência, não teve acesso à educação devido a circunstâncias familiares.

Ele estava na faixa dos 50 anos quando o Grande Terremoto de Kanto de 1923 devastou a área metropolitana de Tóquio. Muitas crianças foram forçadas a mudar de escola e ele as acolheu na escola na qual era diretor, fornecendo a elas os materiais escolares dos quais necessitavam. Estava tão preocupado com o bem-estar e o paradeiro de seus ex-alunos que percorria os bairros das instituições em que havia trabalhado para confirmar que eles estavam seguros.

De forma similar, em meio às restrições que prevaleciam durante a época da guerra, Josei Toda, discípulo mais próximo de Makiguchi, publicou 35 edições de revistas educacionais para crianças entre os anos 1940 e 1942. Seu desejo mais sincero pela felicidade e pelo bem-estar das crianças nunca diminuiu, mesmo depois de sua prisão junto com Makiguchi, acusados de violar leis do governo militar de censura à liberdade de pensamento. Makiguchi faleceu na prisão.

Josei Toda enfrentou destemidamente os dois anos de cárcere, terminados um mês antes do

fim da Segunda Guerra Mundial. Depois de libertado, sua primeira ação surgiu na área da educação: fundou um curso por correspondência para crianças. Com muitas escolas fechadas em meio ao caos do pós-guerra, ele lutou para não interromper as atividades educacionais. Essa história confirma de forma eloquente o ardor do coração dos dois presidentes fundadores da Soka Gakkai na determinação de manter a luz da educação a iluminar todas as crianças, quaisquer que fossem as circunstâncias do momento. A data de publicação de *Sistema Pedagógico de Criação de Valor* é celebrada como a data de fundação da Soka Gakkai, e acredito que a ilustração da lamparina a óleo em sua capa materializa o empenho deles. Como a lamparina de forma apropriada sugere, a chama da educação requer constantes cuidados. A luz se mantém acesa por aqueles que despejam nela sua paixão e pelo apoio da sociedade aos seus esforços.

Carregando o bastão passado para mim pelos meus predecessores Makiguchi e Toda, estabeleci uma rede de instituições educacionais em vários países, incluindo as Escolas de Ensino Fundamental e Médio Soka em Tóquio e em Osaka, a Universidade Soka do Japão e a Universidade Soka da América, assim como o Colégio Soka no Brasil. Também me engajei em diálogos com educadores ao redor do mundo, a trabalhar por mais da metade de um século para construir uma sociedade dedicada a servir às necessidades da educação que assegure a dignidade e a felicidade das crianças, agora e no futuro.

Na luta cotidiana para aumentar a consciência sobre a importância de construir uma sociedade a serviço das necessidades da educação, a SGI mantém-se comprometida com a missão de promover o empoderamento de pessoas, pelas pessoas e para as pessoas a fim de enfrentar a crise climática e outros desafios globais com ímpeto crescente de solidariedade humana.

Notas

1. Veja ONU. Cúpula de Ação Climática 2019.
2. GUTERRES. Remarks on Climate Change [Considerações sobre Mudanças Climáticas].
3. INSTITUTO TODA PARA A PAZ. Climate Change, Migration and Land in Oceania [Mudanças Climáticas, Migração e Terras na Oceania], p. 4.
4. SAINT-EXUPÉRY. *Wind, Sand and Stars* [Vento, Areia e Estrelas], p. 27.
5. GUTERRES. Address to the 74th Session of the UN General Assembly [Discurso na 74ª Sessão da Assembleia Geral da ONU].
6. (tradução de) MAKIGUCHI. *Makiguchi Tsunesaburo Zenshu* [Obras Completas de Tsunesaburo Makiguchi], v. 2, p. 397.
7. *Ibidem*, v. 1, p. 13.
8. *Ibidem*, v. 2, p. 399.
9. Veja FMI. Real GDP Growth [Crescimento Real do PIB].
10. Veja FUTURE EARTH. Global Carbon Dioxide Emissions Set to Rise [Emissões de Dióxido de Carbono Aumentam].
11. Veja BANERJEE e DUFLO. *Poor Economics* [Pobre Economia], p. ix.
12. *Ibidem*, p. 70.
13. *Ibidem*, p. 138.
14. (tradução de) NAKAMURA. *Budda no Kotoba* [Palavras do Buda], p. 135-136.
15. Veja IKEDA e CHOWDHURY. *Creating the Culture of Peace* [Criando uma Cultura de Paz], p. 132.
16. *Ibidem*, p. 140-141.
17. (tradução de) TODA. *Toda Josei Zenshu* [Obras Completas de Josei Toda], v. 4, p. 62.
18. HAMMARSKJÖLD. Remarks at United Nations Day Concert [Considerações no Concerto pelo Dia das Nações Unidas].
19. *Ibidem*.
20. Veja IPCC. Summary for Policymakers [Sumário para Políticos].
21. Veja IKEDA e BOULDING. *Into Full Flower* [Em Plena Floração], p. 92.
22. (tradução de) NAKAMURA. *Shakuson no Shogai* [O Buda Vivo], p. 57.
23. JASPERS. *Socrates, Buddha, Confucius, Jesus* [Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus], p. 26.
24. NICHIREN. *The Record of the Orally Transmitted Teachings* [Registro dos Ensinos Transmitidos Oralmente], p. 192.
25. *Ibidem*, p. 91.
26. Veja PLANT FOR THE PLANET. Trillion Tree Campaign [Campanha Um Trilhão de Árvores].
27. GUTERRES. Remarks at Closing of Climate Action Summit [Considerações Finais na Cúpula de Ação Climática].
28. SCHNALL. Conversation with Wangari Maathai [Diálogo com Wangari Maathai].
29. ONU. UN to Launch Biggest-ever Global Conversation [ONU Lançará a Maior Conversa Global].
30. Veja GUTERRES. Remarks to the General Assembly [Considerações na Assembleia Geral].
31. UN NEWS CENTRE. At UN, Youth Activists Press for Bold Action [Na ONU, Jovens Ativistas Pressionam por Ações Corajosas].
32. MOBILIZAÇÃO GLOBAL PELO CLIMA. 7.6 Million People Demand Action [7,6 Milhões de Pessoas Demandam Ação].
33. SCIENCE FOCUS. Christiana Figueres on Climate Change [Christiana Figueres sobre Mudanças Climáticas].
34. (tradução de) FIGUERES. *Datsu tansoka* e [Pela Redução do Carbono].
35. Veja PNUMA. Higher and Further Education Institutions [Instituições de Educação Superior].
36. Veja PACTO GLOBAL DE PREFEITOS. About Us [Sobre].
37. UN NEWS CENTRE. At UN, Youth Activists Press for Bold Action [Na ONU, Jovens Ativistas Pressionam por Ações Corajosas].
38. PECCEI. *One Hundred Pages for the Future* [Cem Páginas pelo Futuro], p. 178.
39. PECCEI. *The Human Quality* [A Qualidade Humana], p. 13.
40. *Ibidem*, p. 67.
41. *Ibidem*, p. 101.
42. IKEDA e PECCEI. *Before It Is Too Late* [Antes que Seja Tarde], p. 110.
43. Veja CLUBE DE ROMA. Planetary Emergency Plan [Plano Emergencial Planetário], p. 7.
44. UN GA. Political Declaration of the High-level Political Forum [Declaração Política do Fórum Político de Alto Nível].
45. THUNBERG. Greta Thunberg UN speech at COP25 [Discurso de Greta Thunberg na COP25 da ONU].
46. Veja UN TREATY COLLECTION. Status of Treaties [Status dos Tratados].
47. REUTERS. Risk of Nuclear War Now Highest Since WW2 [Maior Risco de Guerra Nuclear Desde a Segunda Guerra Mundial].
48. UN GA. Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons [Tratado de Proibição de Armas Nucleares], artigo 1.
49. GUTERRES. Remarks at the University of Geneva [Considerações na Universidade de Genebra].
50. DATAN e SCHEFFRAN. The Treaty is Out of the Bottle [O Tratado é um Gênio Fora da Lâmpada], p. 130.
51. *Ibidem*.
52. Veja NORWEGIAN PEOPLE'S AID. Nuclear Weapons Ban Monitor [Controle do Banimento das Armas Nucleares], p. 4.
53. Veja ICAN. ICAN Cities Appeal [Apelo da Ican às Cidades].
54. Veja UNODA. Appeal of the Hibakusha [Apelo dos Hibakusha].
55. PIDCP. General Comment [Comentário Geral], parágrafo 66.
56. *Ibidem*, parágrafo 2.
57. UN GA. Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons [Tratado de Proibição de Armas Nucleares].
58. Veja SOKA GAKKAI YOUTH DIVISION ED. *Hiroshima and Nagasaki* [Hiroshima e Nagasaki].
59. ICDSI. *Common Security* [Segurança Comum], p. 139.
60. (tradução de) IKEDA. *Ikeda Daisaku Zenshu* [Obras Completas de Daisaku Ikeda], v. 1, p. 102.
61. REAGAN. *An American Life* [Uma Vida Americana], p. 267.
62. *Ibidem*, p. 595.
63. AMERICAN PRESIDENCY PROJECT. Joint Soviet-United States Statement [Declaração Conjunta Soviético-Americana].
64. GUTERRES. Securing Our Common Future [Assegurando Nosso Futuro Comum].
65. NAKAMITSU. Keynote Speech [Discurso Principal].
66. FEDERAL FOREIGN OFFICE. Political Declaration [Declaração Política].
67. UN GA. Strengthening the Review Process [Fortalecendo o Processo de Revisão].
68. GUTERRES. Remarks at the University of Geneva [Considerações na Universidade de Genebra].
69. Veja SIPRI. *The Impact of Artificial Intelligence* [O Impacto da Inteligência Artificial], p. 23.
70. *Ibidem*, p. 95.
71. *Ibidem*, p. 19-20.
72. *Ibidem*, p. 51.
73. KENNEDY. Commencement Address at American University [Discurso de Abertura em Universidade Americana].
74. SIPRI. *The Impact of Artificial Intelligence* [O Impacto da Inteligência Artificial], p. 121.
75. Veja OXFAM INTERNATIONAL. Climate Fuelled Disasters [Desastres Incitados pelo Clima].
76. IISD. Summary of the Sixth Session [Sumário da 6ª Sessão].
77. Veja UNDRR. Making Cities Resilient [Tornando Cidades Resilientes].
78. Veja UNDRR. Bangladesh Joins Cities Campaign [Bangladesh se Junta à Campanha das Cidades].
79. Veja ONU. The Ocean Conference, Factsheet [Conferência Oceânica: Ficha].
80. IISD. Summary of the Sixth Session [Sumário da 6ª Sessão].
81. GFDRR. WRC4: Disaster Recovery for Persons with Disabilities [WRC4: Recuperação de Desastres para Pessoas com Deficiência].
82. ONU MULHER. Promoting Women's Leadership [Promover a Liderança Feminina].
83. ONU MULHER. Beijing Declaration and Platform for Action [Declaração e Plataforma de Ação de Pequim].
84. Veja GLOBAL PLATFORM (Plataforma Global). Public Joint Statement of Faith-based Organizations to GP2017 [Declaração Pública Conjunta de Organizações Baseadas na Fé ao GP2017].
85. Veja ACT ALLIANCE, ET AL. Joint Faith-Based Organizations (FBOs) Statement [Declaração Conjunta de Organizações Baseadas na Fé (OBFs)].
86. APFC. Joint Faith Based Organizations' (FBOs) Statement [Declaração Conjunta de Organizações Baseadas na Fé (OBFs)].
87. Veja UNICEF. *For Every Child, Every Right* [Para Cada Criança, Todos os Direitos], p. 7.
88. Veja GPE SECRETARIAT. Going Back to School in Yemen [Voltando às Aulas no Iêmen].
89. Veja UNICEF. 1 in 3 Children [1 em Cada 3 Crianças].
90. Veja ECW. 75 Million Crisis-affected Children [75 Milhões de Crianças Afetadas pela Crise].
91. Veja ECW. Results Dashboard [Painel de Resultados].
92. IPS. World's Spreading Humanitarian Crises [Crises Humanitárias Mundiais Crescentes].
93. *Ibidem*.
94. Veja UNICEF. 1 in 3 Children [1 em Cada 3 Crianças].
95. Veja SIPRI. World Military Expenditure [Gasto Militar Mundial].
96. Veja MOFA. Official Development Assistance (ODA) [Assistência Oficial pelo Desenvolvimento (ODA)].
97. *Ibidem*.
98. Veja ACNUR. Costa Rican Schools [Escolas Costa-riquenhas].

Bibliografia

ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados). *Costa Rican Schools Open Their Doors to Displaced Nicaraguan Children* [Escolas Costa-riquenhas Abrem suas Portas para Crianças Refugiadas Nicaraguenses]. Por Jean Pierre Mora. 5 jul. 2019. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/stories/2019/7/5d1f1e364/costa-rican-schools-open-doors-displaced-nicaraguan-children.html>. Acesso em: 26 jan. 2020.

ACT ALLIANCE, ET AL. *Joint Faith-Based Organizations (FBOs) Statement for the Global Platform for Disaster Risk Reduction (GPDRR)* [Declaração Conjunta de Organizações Baseadas na Fé (OBFs) para a Plataforma Global pela Redução de Riscos de Desastres (GPRRD)]. 13 a 17 maio 2019. Disponível em: <https://actalliance.org/wp-content/uploads/2019/05/Joint-FBOs-Statement-for-GPDRR-FINAL-with-logo-17052019.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

AMERICAN PRESIDENCY PROJECT. *Joint Soviet-United States Statement on the Summit Meeting in Geneva* [Declaração Conjunta Soviético-Americana na Reunião da Cúpula em Genebra]. 21 nov. 1985. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/joint-soviet-united-states-statement-the-summit-meeting-geneva>. Acesso em: 26 jan. 2020.

APFC (Coalizão Ásia-Pacífico Baseada na Fé pelo Desenvolvimento Sustentável). *Joint Faith Based Organizations' (FBOs) Statement for the Asian Ministerial Conference on Disaster Risk Reduction* [Declaração Pública Conjunta de Organizações Baseadas na Fé (OBF) à Conferência Ministerial sobre Redução de Risco de Desastre]. 3 a 6 jul. 2018. Disponível em: [https://www.unisdr.org/files/global-platform/amcdrr2018officialstatementjointfbo\[1\].pdf](https://www.unisdr.org/files/global-platform/amcdrr2018officialstatementjointfbo[1].pdf). Acesso em: 26 jan. 2020.

BANERJEE, Abhijit V.; DUFLO, Esther. *Poor Economics: A Radical Rethinking of the Way to Fight Global Poverty* [A Economia dos Pobres: Repensar de Modo Radical a Luta Contra a Pobreza Global]. Nova York: PublicAffairs, 2011.

CLUBE De Roma e Instituto Potsdam Para Pesquisa Sobre Impacto Climático. *Planetary Emergency Plan: Securing a New Deal for People, Nature and Climate* [Plano Emergencial para o Planeta: Assegurando um Novo Acordo pelas Pessoas, pela Natureza e pelo Clima]. 23 set. 2019. Disponível em: https://www.clubofrome.org/wp-content/uploads/2019/09/PlanetaryEmergencyPlan_CoR-4.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

DATAN, Merav; SCHEFFRAN, Jürgen. *The Treaty is Out of the Bottle: The Power and Logic of Nuclear Disarmament* [O Tratado é um Gênio Fora da Lâmpada: O Poder e Lógica do Desarmamento Nuclear]. *Journal for Peace and Nuclear Disarmament* 2, ed. 1, 2019, p. 114-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/25751654.2019.1584942>.

ECW (A Educação Não Pode Esperar). *75 Million Crisis-affected Children are in Urgent Need of Education Support* [75 Milhões de Crianças Afetadas pela Crise em Necessidade Urgente de Apoio Educacional]. 2016. Disponível em: <https://www.educationcannotwait.org/the-situation/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Results Dashboard* [Painel de Resultados]. 3 dez. 2019. Disponível em: https://s30755.pcdn.co/wp-content/uploads/2019/12/ECW_Dashboard-Map-3-Dec-2019.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

FEDERAL Foreign Office of Germany (Escritório Federal Internacional da Alemanha). *Political Declaration: Conference "2019. Capturing Technology. Rethinking Arms Control"* [Declaração Política: Conferência "2019. Capturar Tecnologia. Repensar o Controle de Armamentos"]. 15 mar. 2019. Berlim, Alemanha. Disponível em: <https://rethinkingarmscontrol.de/wp-content/uploads/2019/03/2019.-Capturing-Technology.Rethinking-Arms-Control.-Political-Declaration.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

FIGUERES, Christina. *Datsunsoka eno Itsutsu no Gensoku* [Cinco Princípios para a Redução de Carbono]. *Seikyo Shimbun*, 4 abr. 2019, p. 2.

FMI (Fundo Monetário Internacional). *Real GDP Growth* [Crescimento Real do PIB]. 2019. Disponível em: https://www.imf.org/external/datamapper/NGDP_RPCH@WEO/WEO_WORLD. Acesso em: 26 jan. 2020.

FUTURE Earth (Terra do Futuro). *Global Carbon Dioxide Emissions Set to Rise After Three Stable Years* [Emissões de Dióxido de Carbono Aumentam Depois de Três Anos Estáveis]. *Boletim de Imprensa*. 13 nov. 2017. Disponível em: https://www.globalcarbonproject.org/carbonbudget/archive/2017/International_FutureEarth_GCPBudget2017.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

GFDRR (Plataforma Global pela Redução e Recuperação de Catástrofes). *WRC4: Disaster Recovery for Persons with Disabilities. Interview with Dr. Edward (Eddie) Ndotu* [WRC4: Recuperação de Desastres para Pessoas com Deficiência. Entrevista com o Dr. Edward (Eddie) Ndotu]. 31 maio 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=18ZoL1VqzB4>. Acesso em: 26 jan. 2020.

GLOBAL Climate Strike (Mobilização Global pelo Clima). *7.6 Million People Demand Action After Week of Climate Strikes* [7,6 Milhões de Pessoas Demandam Ação Depois de Semana de Mobilização pelo Clima]. 28 set. 2019. Disponível em: <https://globalclimatestrike.net/7-million-people-demand-action-after-week-of-climate-strikes/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

GLOBAL Covenant of Mayors for Climate & Energy (Pacto Global de Prefeitos pelo Clima e Energia). *About Us* [Sobre]. 2020. Disponível em: <https://www.globalcovenantofmayors.org/about/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

GLOBAL Platform (Plataforma Global). *Public Joint Statement of Faith-based Organizations to GP2017* [Declaração Pública Conjunta de Organizações Baseadas na Fé ao GP2017]. 23 maio 2017. Disponível em: <https://actalliance.org/wp-content/uploads/2017/05/170523-Interfaith-FBO-statement-Global-Platform-for-DRR-Final.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

GPE (Global Partnership for Education) Secretariat [Secretariado da Parceria Global pela Educação].

Going Back to School in Yemen [Voltando às Aulas no Iêmen]. 7 jan. 2019. Disponível em: <https://www.globalpartnership.org/blog/going-back-school-yemen>. Acesso em: 26 jan. 2020.

GUTERRES, António. *Remarks at the University of Geneva on the Launch of the Disarmament Agenda* [Considerações na Universidade de Genebra sobre o Lançamento da Agenda pelo Desarmamento]. 24 maio 2018. Disponível em: <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2018-05-24/launch-disarmament-agenda-remarks>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Securing Our Common Future: An Agenda for Disarmament* [Assegurando Nosso Futuro Comum: Uma Agenda pelo Desarmamento]. 2018. Disponível em: https://front.un-arm.org/documents/SG+disarmament+agenda_1.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Remarks on Climate Change* [Considerações sobre Mudanças Climáticas]. 10 set. 2018. Disponível em: <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2018-09-10/remarks-climate-change>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Secretary-General's Remarks at Closing of Climate Action Summit* [Considerações Finais do Secretário Geral na Cúpula de Ação Climática]. 23 set. 2019. Disponível em: <https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2019-09-23/secretary-generals-remarks-closing-of-climate-action-summit-delivered>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Address to the 74th Session of the UN General Assembly* [Discurso na 74ª Sessão da Assembleia Geral da ONU]. 24 set. 2019. Disponível em: <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2019-09-24/address-74th-general-assembly>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Remarks to the General Assembly on the Secretary-General's Priorities for 2020* [Considerações na Assembleia Geral sobre as Prioridades do Secretário-geral para 2020]. 22 jan. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2020-01-22/remarks-general-assembly-priorities-for-2020>. Acesso em: 26 jan. 2020.

HAMMARSKJÖLD, Dag. *Remarks at United Nations Day Concert* [Considerações no Concerto pelo Dia das Nações Unidas]. 24 out. 1960. Disponível em: <https://www.un.org/Depts/dhl/dag/undayconcert.htm>. Acesso em: 26 jan. 2020.

ICAN (Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares). *ICAN Cities Appeal* [Apelo das Cidades do Ican]. 2020. Disponível em: https://cities.icanw.org/list_of_cities. Acesso em: 26 jan. 2020.

ICCPR (Pacto Internacional sobre Direitos Políticos e Cívicos). *General Comment No. 36 (2018) on Article 6 of the International Covenant on Civil and Political Rights, on the Right to Life*. Human Rights Committee [Comentário Geral nº 36 (2018) acerca do Artigo 6 do Pacto Internacional sobre Direitos Políticos e Cívicos, com relação ao Direito à Vida]. 30 out. 2018. CCPR/C/GC/36. Disponível em: https://tbinternet.ohchr.org/Treaties/CCPR/Shared%20Documents/1_Global/CCPR_C_GC_36_8785_E.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

ICDSI (Comissão Independente sobre Desarmamento e Segurança). *Common Security: A Blueprint For Survival* [Segurança Comum: Um Modelo para Sobrevivência]. New York: Simon & Schuster, 1982.

IISD (Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável). *Summary of the Sixth Session of the Global Platform on Disaster Risk Reduction* [Sumário da 6ª Sessão da Plataforma Global para a Redução de Riscos de Desastres]. *UNDRR Bulletin* 141, n. 17, 20 maio 2019. Disponível em: <https://en.iisd.org/undrr/globalplatform/2019/html/enbplus141num17e.html>. Acesso em: 26 jan. 2020.

IKEDA, Daisaku. *Ikeda Daisaku Zenshu* [Obras Completas de Daisaku Ikeda]. 150 v. Tóquio: Seikyo Shimbunsha, 1988-2015.

_____. ; BOULDING, Elise. *Into Full Flower: Making Peace Cultures Happen* [Em Plena Floração: Fazer Acontecer as Culturas de Paz]. Cambridge, Massachusetts: Dialogue Path Press, 2010.

_____. ; CHOWDHURY, Anwarul K. *Creating the Culture of Peace: A Clarion Call for Individual and Collective Transformation* [Criando uma Cultura de Paz: Um Braço pela Transformação Individual e Coletiva]. Londres: I.B. Tauris, 2020.

_____. ; PECCEI, Aurelio. *Before It Is Too Late: A Dialogue* [Antes que seja Tarde: Um Diálogo]. Londres: I.B. Tauris, 2009.

INSTITUTO Toda para a Paz. *Climate Change, Migration and Land in Oceania* [Mudanças Climáticas, Migração e Terras na Oceania]. Sumário sobre Políticas nº 37, por John R. Campbell. Abr. 2019. Disponível em: https://toda.org/assets/files/resources/policy-briefs/t-pb-37_john-campbell-climate-change-migration-and-land-in-oceania.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

IPCC (Painel Inter-governamental sobre Mudanças Climáticas). 2018. "Summary for Policymakers" in *Special Report: Global Warming of 1.5°C* ["Resumo para Políticos" em Relatório Especial: Aquecimento Global de 1,5 °C]. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/sr15/chapter/spm/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

IPS (Inter Press Service). *World's Spreading Humanitarian Crises Leave Millions of Children Without Schools or Education* [Crises Humanitárias Mundiais Crescentes Deixam Milhões de Crianças sem Escola ou Educação]. Por Thalif Deen. 24 out. 2019. Disponível em: <http://www.ipsnews.net/2019/10/worlds-spreading-humanitarian-crises-leave-millions-children-without-schools-education/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

JASPERS, Karl. *Socrates, Buddha, Confucius, Jesus: The Paradigmatic Individuals* [Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus: Os Individuos Paradigmáticos]. Tradução: Ralph Manheim. San Diego, Nova York e Londres: Harcourt Brace & Co, 1962.

KENNEDY, John F. *Commencement Address at American University, Washington, D.C.* [Discurso de Abertura em Universidade Americana, em Washington DC]. 10 jun. 1963. Disponível em: <https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/american-university-19630610>. Acesso em: 26 jan. 2020.

Continua na pág. 66.

Continuação da pág. 64.

MAKIGUCHI, Tsunesaburo. *Makiguchi Tsunesaburo Zenshu* [Obras Completas de Tsunesaburo Makiguchi]. 10 v. Tóquio: Daisanbunmei-sha, 1981-1997.

MOFA of Japan (Ministério das Relações Exteriores do Japão). *Official Development Assistance (ODA): "Bannin no Tame no Shitsu no Takai Kyoiku: Nihon no Torikumi"* [Assistência Oficial pelo Desenvolvimento (AOD): "Educação de Qualidade para Todos: Iniciativas Japonesas"]. 9 ago. 2016. Disponível em: <https://www.mofa.go.jp/mofaj/gaiko/oda/bunya/education/initiative.html>. Acesso em: 26 jan. 2020.

NAKAMITSU, Izumi. *Keynote Speech. Second Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty Science Diplomacy Symposium, High Level Session* [Discurso Principal. Segundo Simpósio Expandido de Diplomacia Científica sobre o Tratado de Banimento de Testes Nucleares, Sessão de Alto Nível]. Viena, 25 maio 2018. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/unoda-web/wp-content/uploads/2018/05/HR-Keynote-CTBT-Science-Diplomacy-Session.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

NAKAMURA, Hajime. *Budda no kotoba*: Suttanipata [Palavras do Buda: Suttanipata]. Tóquio: Iwanami Shoten, 1984.

_____. *Shakuson no Shogai* [O Buda Vivo]. Tóquio: Heibonsha, 2003.

NICHIREN. *The Record of the Orally Transmitted Teachings* [Registro dos Ensinos Transmitidos Oralmente]. Tradução: Burton Watson. Tóquio: Soka Gakkai, 2004.

NORWEGIAN People's Aid. *Nuclear Weapons Ban Monitor 2019: Tracking Progress towards a World Free of Nuclear Weapons* [Controle do Banimento das Armas Nucleares 2019: Monitorando o Progresso em Direção ao Mundo Livre de Armas Nucleares]. Out. 2019. Disponível em: https://banmonitor.org/files/Nuclear_Weapons_Ban_Monitor_2019.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

ONU (Organização das Nações Unidas). *The Ocean Conference. Factsheet: People and Oceans* [Conferência Oceânica. Ficha: Pessoas e Oceanos]. 2017. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/wp-content/uploads/2017/05/Ocean-fact-sheet-package.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Climate Action Summit 2019. Closing release* [Cúpula de Ação Climática. Publicação Final]. 23 set. 2019. Disponível em: https://www.un.org/en/climatechange/assets/pdf/CAS_closing_release.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *UN to Launch Biggest-ever Global Conversation on the World's Future to Mark Its 75th Anniversary in 2020* [ONU Lançará a Maior Conversa Global sobre o Futuro do Planeta para Marcar seu 75º Aniversário em 2020]. 24 out. 2019. Disponível em: <https://www.un.org/en/un75/news-events>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Treaty Collection. Status of Treaties. Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* [Coleção de Tratados. Status dos Tratados. Tratado de Proibição das Armas Nucleares]. 26 jan. 2020. Disponível em: https://treaties.un.org/Pages/ViewDetails.aspx?src=TREATY&mtdsg_no=XXVII-9&chapter=26&clang=_en. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. ASSEMBLEIA GERAL. NPT/CONF.1995/L.4. *Strengthening the Review Process for the Treaty: Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons. Draft decision proposed by the President* [Fortalecendo o Processo de Revisão do Tratado: Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares]. 10 maio 1995. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/188024>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. A/CONF.229/2017/8. *Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* [Tratado de Proibição das Armas Nucleares]. Adotado pela Assembleia Geral. 7 jul. 2017. Disponível em: <https://undocs.org/A/CONF.229/2017/8>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. A/HLPF/2019/L1. *Political Declaration of the High-level Political Forum on Sustainable Development Convened under the Auspices of the General Assembly* [Declaração Política do Fórum Político de Alto Nível sobre Desenvolvimento Sustentável sob os Auspícios da Assembleia Geral]. 24 e 25 set. 2019. Disponível em: <https://undocs.org/en/A/HLPF/2019/L1>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *At UN, Youth Activists Press for Bold Action on Climate Emergency, Vow to Hold Leaders Accountable at the Ballot Box* [Na ONU, Jovens Ativistas Pressionam por Ações Corajosas pela Emergência Climática, Prometendo Assegurar Líderes Responsáveis nas Urnas]. 21 set. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2019/09/1046962>. Acesso em: 26 jan. 2020.

OXFAM International. *Climate Fuelled Disasters Number One Driver of Internal Displacement Globally Forcing More Than 20 Million People a Year from Their Homes* [Desastres Incitados pelo Clima são a Principal Causa de Deslocamentos Internos e Fazem com que Mais de 20 Milhões de Pessoas Deixem Suas Casas a cada Ano]. *Boletim de Imprensa*. 2 dez. 2019. Disponível em: <https://www.oxfam.org/en/press-releases/forced-from-home-eng>. Acesso em: 26 jan. 2020.

PECCER, Aurelio. *The Human Quality* [A Qualidade Humana]. Oxford: Pergamon Press, 1977.

_____. *One Hundred Pages for the Future: Reflections of the President of The Club of Rome* [Cem Páginas pelo Futuro: Reflexões do Presidente do Clube de Roma]. Oxford: Pergamon Press, 1981.

PLANT for the Planet (Plante pelo Planeta). *Trillion Tree Campaign* [Campanha 1 Trilhão de Árvores]. 2020. Disponível em: <https://www.trilliontreecampaign.org/faq>. Acesso em: 26 jan. 2020.

PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente). *Higher and Further Education Institutions Across the Globe Declare Climate Emergency* [Instituições de Educação Superior Ao Redor do Mundo Declaram Emergência Climática]. *Boletim de Imprensa*. 10 jul. 2019. Disponível em: <https://www.unenvironment.org/news-and-stories/press-release/higher-and-further-education-institutions-across-globe-declare>. Acesso em: 26 jan. 2020.

REAGAN, Ronald. *An American Life: The Autobiography* [Uma Vida Americana]. Nova York: Simon and Schuster, 1990.

REUTERS. *Risk of Nuclear War Now Highest Since WW2, UN Arms Research Chief Says* [Maior Risco

de Guerra Nuclear Desde a Segunda Guerra Mundial, Afirma Líder de Pesquisa da ONU sobre Armamentos]. Por Tom Miles. 22 maio 2019. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-un-nuclear/risk-of-nuclear-war-now-highest-since-ww2-u-n-arms-research-chief-says-idUSKCN1S-R24H>. Acesso em: 26 jan. 2020.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Wind, Sand and Stars* [Vento, Areia e Estrelas]. Tradução: Lewis Galantière. Orlando, Austin, Nova York, San Diego e Londres: Harcourt, Inc, 1992.

SCHNALL, Marianne. *Conversation with Wangari Maathai* [Diálogo com Wangari Maathai]. 9 dez. 2008. Disponível em: <https://www.feminist.com/resources/artspeech/interviews/wangarimaathai.html>. Acesso em: 26 jan. 2020.

SCIENCE Focus. *Christiana Figueres on Climate Change: "Net Zero Carbon is Our Only Option"* [Christiana Figueres sobre Mudanças Climáticas: "Carbono Neutro é Nossa Única Opção"]. Entrevistador: Jason Goodyer. *BBC Science Focus Magazine*, 2 out. 2019. Disponível em: <https://www.sciencefocus.com/planet-earth/christiana-figueres-on-climate-change-net-zero-carbon-is-our-only-option/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

SDG Summit 2019. *Summary of the President of the General Assembly. The UN High-level Political Forum on Sustainable Development, under the auspices of the General Assembly (SDG Summit), 24-25 set. 2019* [Resumo do Presidente da Assembleia Geral. Fórum Político de Alto Nível da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, sob os Auspícios da Assembleia Geral (Cúpula ODS)]. Disponível em: https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/25200SDG_Summary.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

SIPRI (Instituto Internacional de Pesquisa sobre a Paz em Estocolmo). *World Military Expenditure Grows to \$1.8 Trillion in 2018* [Gasto Militar Mundial Cresce para 1,8 Trilhões de Dólares em 2018]. *Boletim de Imprensa*. 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www.sipri.org/media/press-release/2019/world-military-expenditure-grows-18-trillion-2018>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *The Impact of Artificial Intelligence on Strategic Stability and Nuclear Risk, Volume 1: Euro-Atlantic Perspectives* [O Impacto da Inteligência Artificial na Estabilidade Estratégica e no Risco Nuclear, vol. 1: Perspectivas Euro-Atlânticas]. Editor: Vincent Boularin. Maio 2019. Disponível em: <https://www.sipri.org/sites/default/files/2019-05/sipri1905-ai-strategic-stability-nuclear-risk.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

SOKA Gakkai Youth Division. *Hiroshima and Nagasaki: That We Never Forget* [Hiroshima e Nagasaki: O que Nunca Esqueceremos]. Tóquio: Daisanbunmei-sha, ed. 2017.

THUNBERG, Greta. *Greta Thunberg UN Speech at COP25 in Full* [Discurso de Greta Thunberg na COP25 da ONU, Material na Íntegra]. Transcrito. 11 dez. 2019. Disponível em: <https://www.express.co.uk/news/science/1216452/Greta-Thunberg-UN-speech-full-COP25-Greta-Thunberg-speech-transcript-climate-change>. Acesso em: 26 jan. 2020.

TODA, Josei. *Toda Josei Zenshu* [Obras Completas de Josei Toda]. 9 v. Tóquio: Seikyo Shimbunsha, 1981-1990.

UNDRR (Escritório das Nações Unidas para a Redução de Risco de Desastres). *Bangladesh Joins Cities Campaign En Masse* [Bangladesh em Massa se Junta à Campanha das Cidades]. 2 jul. 2018. Disponível em: <https://www.undrr.org/news/bangladesh-joins-cities-campaign-en-masse>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Making Cities Resilient: My City is Getting Ready* [Tornando Cidades Resilientes: Minha Cidade está Ficando Pronta]. 2019. Disponível em: <https://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/cities>. Acesso em: 26 jan. 2020.

UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). *1 in 3 Children and Young People Is Out of School in Countries Affected by War or Natural Disasters — UNICEF* [1 em cada 3 Crianças e Jovens Está Fora da Escola em Países Afetados pela Guerra ou por Desastres Naturais — Unicef]. *Boletim de Imprensa*. 18 set. 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org/press-releases/1-3-children-and-young-people-out-school-countries-affected-war-or-natural-disasters>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *For Every Child, Every Right: The Convention on the Rights of the Child at a Crossroads* [Para Cada Criança, Todos os Direitos: A Convenção sobre Direitos da Criança em uma Encruzilhada]. 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/62371/file/Convention-rights-child-at-crossroads-2019.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

UNODA (Escritório das Nações Unidas para Assuntos de Desarmamento). *Appeal of the Hibakusha: More Than 10.5 Million Signatures Supporting Call for the Elimination of Nuclear Weapons* [Apelo dos Hibakusha: Mais de 10,5 Milhões de Assinaturas Apoiam o Apelo à Eliminação de Armas Nucleares]. 18 out. 2019. Disponível em: <https://www.un.org/disarmament/update/the-handover-of-the-appeal-of-the-hibakusha-more-than-105-million-signatures-supporting-call-for-the-elimination-of-nuclear-weapons/>. Acesso em: 26 jan. 2020.

ONU Mulheres. *Beijing Declaration and Platform for Action. Fourth World Conference on Women, Beijing, September 4-15, 1995* [Declaração e Plataforma de Ação de Pequim. Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher, Pequim, 4 a 15 de Setembro de 1995]. Documento final. 15 set. 1995. Disponível em: https://www.un.org/en/events/pastevents/pdfs/Beijing_Declaration_and_Platform_for_Action.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. *Promoting Women's Leadership in Disaster Risk Reduction and Resilience* [Promovendo a Liderança Feminina na Redução de Riscos de Desastres e na Resiliência]. 31 maio 2019. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/news/stories/2019/5/news-promoting-womens-leadership-in-disaster-risk-reduction-and-resilience>. Acesso em: 26 jan. 2020.

